MÍSTER MUNDO



Jorge Jesus, o Flamengo e o incrível ano de 2019

BRUNO PALVARINI

MÍSTER MUNDO

Bruno Palvarini

1ª edição
Brasília
2019
Copyright © 2019 por Bruno Palvarini

ÍNDICE

Velho Testamento
A montagem da Comissão Técnica
Primeiros treinos
Athletico 1 x 1 Flamengo, 10/07/2019
Flamengo 6 x 1 Goiás, 14/07/2019
Flamengo 1 x 1 Athletico, 17/07/2019
Corinthians 1 x 1 Flamengo, 21/07/2019
Emelec 2 x 0 Flamengo, 24/07/2019
Flamengo 3 x 2 Botafogo, 28/07/2019
Flamengo 2 x 0 Emelec, 31/08/2019
Bahia 3 x 0 Flamengo, 04/08/2018
Flamengo 3 x 1 Grêmio, 10/08/2019
Vasco 1 x 4 Flamengo, 17/08/2019
Flamengo 2 x 0 Internacional, 21/08/2019
Ceará 0 x 3 Flamengo, 25/08/2019
Internacional 1 x 1 Flamengo, 28/08/2019
Flamengo 3 x 0 Palmeiras, 01/09/2019
Avaí 0 x 3 Flamengo, 07/09/2019
Flamengo 1 x 0 Santos, 14/09/2019
Cruzeiro 1 x 2 Flamengo, 21/09/2019
Flamengo 3 x 1 Internacional, 25/09/2019
Flamengo 0 x 0 São Paulo, 28/09/2019
Grêmio 1 x 1 Flamengo, 02/10/2019
Chapecoense 0 x 1 Flamengo, 06/10/2019
Flamengo 3 x 1 Atlético Mineiro, 10/10/2019
Athletico 0 x 2 Flamengo, 13/10/2019
Fortaleza 1 x 2 Flamengo, 16/10/2019

Flamengo 2 x 0 Fluminense, 20/10/2019
Flamengo 5 x 0 Grêmio, 23/10/2019
Flamengo 1 x 0 CSA, 27/10/2019
Goiás 2 x 2 Flamengo, 31/10/2019
Flamengo 4 x 1 Corinthians, 03/11/2019
Botafogo 0 x 1 Flamengo, 07/11/2019
Flamengo 3 x 1 Bahia, 10/11/2019
Flamengo 4 x 4 Vasco, 13/11/2019
Grêmio 0 x 1 Flamengo, 17/11/2019
Flamengo 2 x 1 River Plate, 23/11/2019
Flamengo 4 x 1 Ceará, 26/11/2019
Palmeiras 1 x 3 Flamengo, 30/11/2019
Flamengo 6 x 1 Avaí, 03/12/2019
Santos 4 x 0 Flamengo, 08/12/2019
Flamengo 3 x 1 Al-Hilal, 17/12/2019
Flamengo 0 x 0 Liverpool (*), 21/12/2019
Resumo dos números do Flamengo de Jorge Jesus em 2019
O autor
Outras obras do autor disponíveis na Amazon

Velho Testamento

O ano era 2009 e eu estava em Madri para uma semana de trabalho. Ao voltar para o quarto de hotel na noite do primeiro dia, liguei a TV em um programa esportivo para saber das novidades da Copa das Confederações disputada na África do Sul, sede do Mundial Fifa do ano seguinte. Joel Santana há pouco havia trocado o comando do Flamengo pelo dos anfitriões do torneio e o Brasil de Dunga buscava entrosamento dentro e fora de campo.

Foi a primeira vez em que ouvi falar de Jorge Jesus. Na volta do intervalo comercial o apresentador leu a notícia que o Benfica contratara o treinador buscando retomar seu passado de glórias e as imagens que acompanhavam o texto mostravam a tradicional cerimônia de recepção de estrelas pelo clube português, com a águia-símbolo da agremiação sobrevoando o gramado do Estádio da Luz, dando as boas-vindas a quem chega.

Eu ainda não tinha tantos cabelos brancos que hoje me fazem ser um sósia de Jesus, e ao ouvir as palavras do recém-contratado confesso que o considerei um pouco pretensioso e arrogante. A matéria se encerrou e nunca

mais prestei atenção no que Jorge fazia pelo mundo do futebol.

Até 2019.

O ano anterior havia terminado com a eleição de uma nova diretoria para o comando do Flamengo. Antes unidos em um mesmo grupo, Rodolfo Landim e Ricardo Lomba disputaram a oportunidade de administrar o clube no triênio 2019-2021.

Quando a Chapa Azul venceu a de Patrícia Amorim em fins de 2012, a situação rubro-negra parecia desesperadora. Um clube endividado e um time de futebol sem estrelas ou títulos, nada parecia indicar a possibilidade de uma recuperação a curto prazo.

O candidato de oposição, Wallin Vasconcellos, foi impedido de concorrer à presidência por não cumprir exigências estatutárias - e o grupo que o apoiava (no qual figuravam pessoas como Luiz Eduardo Batista e Rodolfo Landim) escolheu um ex-gestor do Banco Central para encabeçar a chapa.

A gestão de Eduardo Bandeira de Mello é hoje considerada um marco na virada rubro-negra, pouco

importando se é verdade ou não o que seus atuais opositores dizem (em especial, que ele era uma figura menor na teia de especialistas flamenguistas que reordenou a vida do clube). Em seis anos a dívida que parecia impagável moveu-se para números administráveis, o centro de treinamentos - iniciado na gestão de Patrícia Amorim, é bom ressaltar - virou sinônimo de excelência internacional e o Flamengo recuperou a sua capacidade de investir.

Por isso mesmo é que a torcida começou a ficar impaciente quando, a partir de 2017, os gestores do futebol rubro-negro passaram a dar mostras de que não sabiam conviver com a abundância. Jogadores medíocres continuavam a ser contratados e, pior de tudo, os treinadores escolhidos para liderar os elencos montados não se mostravam à altura das tradições rubro-negras e dos desafios de torneios como o Brasileiro e a Libertadores.

Apesar de bem intencionados, ao assumirem o time os jovens Zé Ricardo e Maurício Barbieri apenas confirmavam que as ideias ultrapassadas dos treinadores da velha guarda já não cabiam mais no panorama moderno do futebol (mas

sua falta de experiência e de conhecimento do jogo irritava os torcedores).

Renaldo Rueda, um colombiano campeão sul-americano com o Atlético Nacional, chegou ao Rio, foi vítima de xenofobia, começou a arrumar o sistema de jogo (embora perdendo as finais da Copa do Brasil e da Sul-Americana de 2017) e partiu para dirigir a Seleção Chilena em menos de seis meses de trabalho.

A falta de visão da gestão rubro-negra arranhava a reputação de Carpegiani, ídolo e técnico da única conquista da Libertadores da história do clube até o momento - ao contratá-lo como supervisor, colocá-lo emergencialmente como treinador e demiti-lo logo em seguida.

Por isso tudo na eleição entre Landim e Lomba o primeiro saiu vencedor.

Em uma de suas primeiras entrevistas o novo presidente do Flamengo declarou que a época do "cheirinho" havia acabado e que as vitórias voltariam à rotina rubro-negra.

Uma grande expectativa se criou em torno da primeira decisão que a nova administração prometera para assim

que assumisse a Gávea: a definição do treinador flamenguista para 2019.

O favorito da disputa era, sem dúvida, Renato Gaúcho. Maior ídolo gremista da história, Renato passara de um técnico visto como folclórico e fanfarrão para um admirado comandante que fizera o Grêmio jogar um belo e competitivo futebol que culminara nas conquistas da Copa do Brasil de 2016 e da Libertadores de 2017. Ídolo também do Flamengo - onde atuara em quatro oportunidades distintas quando jogador -, Renato tinha a consciência de que seu ciclo no tricolor gaúcho estava no fim e que comandar o Flamengo, além de um sonho antigo, era fundamental para que um dia as portas da Seleção Brasileira se lhe abrissem.

Porém, duas questões seriam determinantes para que a volta de Renato ao Flamengo não ocorresse em 2019: a primeira delas foi o pedido do presidente gremista Romildo Bolzan, amigo e principal patrocinador de Renato no clube. Romildo apelou ao treinador para que cumprissem juntos o último ano de sua gestão à frente do Grêmio e que só a

partir de 2020 o técnico partisse em busca de outros desafios.

A outra questão fundamental para o desenrolar dos fatos foi a divisão interna dos novos gestores do Flamengo, com um grupo apoiando a contratação de um comandante de perfil mais tradicional e, ao mesmo tempo, paternalista com os jogadores. Para aquele grupo, não havia outro nome mais indicado no mercado que o de Abel Braga.

Abel acabou chegando e sua passagem rápida pelo clube foi decepcionante.

Apesar de todo o seu comprometimento e empenho, Abel mostrava na prática padecer do mesmo atraso tático e de concepção de futebol que a quase totalidade dos treinadores brasileiros. Quando o time venceu um inexpressivo torneio de verão na pré-temporada (a Florida Cup), após um empate contra os reservas do Ajax e uma vitória magra frente ao Eintracht Frankfurt, o técnico alardeou a conquista como algo de alto valor.

No Campeonato Carioca, vencido pelo time com mais dificuldade que o esperado - uma vez que seu elenco dispunha de estrelas como Diego Alves, Rodrigo Caio,

Willian Arão, De Arrascaeta, Diego Ribas, Everton Ribeiro, Vitinho, Gabigol e Bruno Henrique -, o padrão de jogo da equipe era sofrível e a situação tornava-se ainda pior quando se observava que Abel não encontrava soluções para harmonizar a presença de tantos craques. Ficaram famosas suas decisões como a de deixar De Arrascaeta no banco de reservas (a contratação mais cara da história rubro-negra) e o posicionamento equivocado de Gabigol no comando do ataque.

Na Libertadores o time sofreu na primeira etapa, sendo derrotado no Maracanã pelo fraquíssimo Peñarol e conseguindo sua passagem para a fase seguinte apenas no último jogo.

E repetindo uma história bem conhecida dos últimos Campeonatos Brasileiros, Abel - que nunca fora querido pela torcida rubro-negra por ser muito associado ao zagueiro tricolor e vascaíno ou por ter sido o treinador do Flamengo na vexaminosa perda da Copa do Brasil de 2006 para o modesto Santo André - praticamente preparava o terreno para a sua queda ao dirigir juras de amor ao Internacional, ao elogiar o Beira-Rio como um estádio superior ao

Maracanã (no exato momento em que o Flamengo assumia a gestão do templo maior do futebol brasileiro) e ao considerar derrotas em clássicos como uma coisa normal.

Contrariando o que a maioria dos jornalistas nacionais apregoava, que a troca de treinadores durante a temporada era algo prejudicial e que, afinal de contas, os resultados do Flamengo até então incluíam a conquista de um Carioca e a liderança de seu grupo na Libertadores, a direção rubro-negra reconheceu seu erro estratégico e agiu para substituir Abel.

E foi aí que Jorge Jesus iniciou sua revolução no futebol nacional.

Os novos gestores rubro-negros complementaram o grupo de jogadores com craques inequívocos como os laterais Rafinha e Filipe Luís, o meio-campista Gerson e zagueiro espanhol Pablo Marí.

Abel entregou o cargo após uma sofrida vitória de virada contra o time reserva do Athletico Paranaense no Maracanã. Restava agora confirmar os boatos a respeito do seu substituto, que já explodiam na imprensa esportiva.

Jorge Jesus estivera no Brasil assistindo a jogos do Vasco da Gama e do Atlético Mineiro, ambos precisando reestruturar suas comissões técnicas - no caso dos mineiros, o técnico chegou a ir ao Estádio Independência e ver a vitória do Galo sobre o Flamengo em uma péssima exibição dos cariocas. Nem cruzmaltinos nem atleticanos tinham condições de bancar os custos do português e de seus assessores.

O Flamengo tinha tais condições.

E foi durante as finais da Liga dos Campeões da Europa disputada na mesma Madri em que quase uma década antes eu ouvira falar pela primeira vez em Jorge Jesus, que o presidente rubro-negro Rodolfo Landim concedeu uma entrevista lado a lado com o novo treinador flamenguista. Jesus dizia que em sua infância o Flamengo era um dos quatro gigantes do futebol mundial, mostrava acompanhar de perto o que acontecia no Brasil e anunciava a possiblidade de repetir a final do Mundial de Clubes de 1981 contra os ingleses do Liverpool.

Este livro conta brevemente a trajetória de Jorge Jesus e do Flamengo desde o momento de seu anúncio à frente da

equipe até o término da temporada de 2019. Poucos meses que mudaram a imagem e o jeito de jogar do Mais Querido.

E que transformaram a provocação adversária do "cheirinho" de títulos que nunca se confirmavam em um delicioso "cheirinho de vitória”.

Nas palavras da minha “Flamília” feliz, algo nunca visto por ela. Cláudia disse que foi o melhor time que ela já conheceu em todos os tempos. Meu filho Felipe garante que o Míster e todos os jogadores em campo na final do Mundial contra o Liverpool foram perfeitos. E Luísa, minha filha, não viu motivo algum de tristeza ao fim de uma temporada gloriosa como a de 2019.

Concordo cem por cento com eles.

A montagem da Comissão Técnica

Jorge Jesus no Flamengo?

O que parecia balão de ensaio da Diretoria para tentar desviar a atenção dos fracos resultados e do mau desempenho do time acabou se confirmando. Menos de dois anos depois da breve e frustrada experiência de um treinador estrangeiro no comando da equipe, Jesus anunciava sua chegada em breve ao Rio.

Como era de se esperar, a repercussão da notícia foi enorme. Parte dos torcedores e da imprensa saudava a oxigenação tática e comportamental que um técnico europeu de prestígio poderia introduzir no futebol brasileiro; outros viam com desconfiança a contribuição que poderia ser dada por alguém vindo de uma realidade bem diferente e aterrissando no Brasil durante a temporada.

E um terceiro grupo, bastante numeroso, apenas torcia contra Jorge Jesus por motivações como reserva de mercado, xenofobia, vontade de vender notícia e a crença sincera de que o futebol pentacampeão mundial mantém, para todo o sempre, a primazia de produzir jogadores,

comandantes e sistemas de jogo superiores aos do resto do mundo.

Jorge Jesus chegou demonstrando extrema personalidade: sincero e direto em suas observações, extremamente educado porém sem fazer agrados a quem quer que fosse, inspecionou as instalações do centro de treinamento rubro-negro e interferiu em assuntos como, por exemplo, o corte da grama dos campos em altura que favorecesse o estilo de jogo a ser implantado. Alguns ironizaram sua postura, comum em terras europeias - quem já leu a respeito da forma que Pep Guardiola supervisiona os times que treina sabe que o espanhol avança em questões como a construção de um restaurante para os jogadores se alimentarem de forma saudável e confraternizarem entre si e com seus familiares, dentro do estádio do Bayern de Munique.

Jesus pediu um carrinho de golfe adaptado com uma tela de vídeo, para poder interromper os treinamentos e demonstrar em tempo real o que se desejava ver refletido com a bola rolando e ressaltar a divergência entre o que era executado e o que fora previsto.

Sua comissão técnica também foi motivo de surpresa e debates, seja por incluir um assistente chamado João de Deus (com uma dupla Deus-Jesus, quem poderia parar o Flamengo?), seja por trazer profissionais para funções específicas estranhas ao contexto brasileiro.

Mexeu também nos horários dos treinamentos, buscando equilibrar intensidade com repouso. E passou a fazer as atividades físicas junto dos jogadores.

Enquanto o Flamengo se preparava para confirmar as ideias de Jesus na prática, opiniões de todos os matizes dominavam as conversas - teve cronista dizendo que não era contra a vinda de técnicos estrangeiros, mas que se fosse para contratar um português o alvo deveria ser José Mourinho (desconsiderando o fato que Mourinho hoje em dia representa muito mais uma grife desbotada e um valor ainda maior de investimento que o alinhamento entre o jeito rubro-negro de enxergar futebol e a visão do técnico).

Para a sorte de Jorge Jesus, enquanto essa batalha era travada um outro treinador estrangeiro que fora bem contestado em sua chegada e apresentara até ali resultados inconstantes, começava a colher os frutos de seu trabalho.

O Santos de Jorge Sampaoli surpreendia os céticos.

Primeiros treinos

Comentaristas ainda discutiam a viabilidade de uma troca do comando técnico do Flamengo durante as competições e até o fato de Jorge Jesus ter solicitado uns dias para providenciar sua mudança para o Rio de Janeiro, deixando o time nas mãos do auxiliar Marcelo "Fera" Salles, filho do tricampeão mundial Marco Antônio. Houve gente que diante dos resultados do "Fera" (vitórias contra Fortaleza, Corinthians e CSA, além de um empate sem gols contra o Fluminense) defendia a sua efetivação por toda a temporada de 2019.

Jorge Jesus chegou aos poucos, sem dar ouvidos à polêmica e começou a implantar seu estilo de jogo nos treinos. Quem teve a oportunidade de assistir aos trabalhos no Ninho do Urubu viu que algo grande estava em andamento, pois mesmo com a manutenção de jogadores e com todas as dificuldades iniciais da implantação de uma filosofia, a linha alta de zagueiros, a intensa troca de passes e o desejo constante de retomar a posse de bola passavam a ser uma marca da era Jesus.

Outra novidade que o rubro-negro começou a experimentar talvez de forma única - porque quando o clube montara o seu melhor elenco na década de 1980 a exposição midiática não era tão difundida quanto hoje -, dizia respeito ao interesse despertado pelo clube fora dos domínios nacionais. E um exemplo claro disso era a transmissão ao vivo do jogo-treino contra o Madureira por um canal português de TV fechada e pela Fox Sports.

Apesar do resultado em si da partida ser o menos importante, a expectativa de ver Jorge Jesus e seus comandados em campo foi alta; quinhentos torcedores compareceram ao velho estádio da Gávea para se deliciarem com os gritos de "Tá mal, Arão, tá mal!", que viraram meme na internet e prenunciaram as alterações fundamentais que o volante rubro-negro viveria em um breve futuro.

Diego marcou um dos gols na vitória de três a um e Vitinho anotou os dois restantes - Vitinho que permanecia uma incógnita, pois ao mesmo tempo que representava a segunda mais cara contratação da história flamenguista, parecia não conseguir repetir suas boas atuações dos

tempos de Botafogo e Internacional. O jogador, porém, caíra nas graças de Jorge Jesus e seria fundamental no desenrolar da temporada.

Outras situações vividas naquele confronto passariam a fazer parte da realidade do treinador português: a contusão de jogadores (Diego Alves não foi a campo, devido a dores lombares) e a ausência de atletas por conta de convocação de selecionados nacionais (Cuéllar, Trauco e De Arrascaeta, no caso rubro-negro). No gramado, foi possível observar um Gabigol com muito mais mobilidade que em tempos recentes e a intensidade frenética do técnico à beira do campo.

Todos estavam esperando a estreia oficial da nova fase do Flamengo, dali a pouco mais de dez dias, contra o Athletico Paranaense.

Athletico 1 x 1 Flamengo, 10/07/2019

A estreia de Jorge Jesus em jogos oficiais já dava mostras das dificuldades que o português poderia enfrentar: o Athletico Paranaense, atuando no campo sintético da Arena da Baixada, historicamente criara dificulidades para o Flamengo.

O gramado artificial faria a bola rolar mais rápido que o comum, a torcida pressionaria o tempo todo, mas nada disso fazia o treinador arredar pé de sua disposição de tornar o rubro-negro um time moderno, jogando à europeia, com marcação alta e buscando o gol permanentemente.

A grande questão é que faltava entrosamento para a equipe. Nas falas de Jorge Jesus ele dizia não entender a importância atribuída pelos clubes daqui à Copa do Brasil, uma vez que na Europa os grandes objetivos das agremiações são os campeonatos nacionais (em primeiro lugar) e a Liga dos Campeões. Talvez o valor financeiro do prêmio oferecido ao campeão do torneio explicasse tal distorção.

O Flamengo ainda não contava com Rafinha, Filipe Luís e Gerson. Jesus nitidamente tentava encontrar a melhor

escalação; se por um lado De Arrascaeta não poderia continuar no banco de reservas, pairavam dúvidas quanto a posições-chave como as laterais e a melhor composição do meio-de-campo e do ataque.

Em uma participação posterior no programa "Bem, Amigos", o comentarista Caio Ribeiro recordaria aquele jogo e sua observação a um amigo lusitano quanto à dificuldade de acerto da linha de defesa rubro-negra. O amigo concordou quanto ao estado atual do esquema, mas tranquilizou o brasileiro dizendo-lhe que em uma semana o assunto estaria resolvido.

O Athletico mostrou-se mais presente em campo e Léo Pereira escorou um escanteio pela direita para abrir o placar. Quando tudo parecia perdido, Gabigol recebeu uma bola de um lateral, girou em torno do mesmo Léo Pereira e encobriu Santos, empatando o jogo.

Um futebol ainda insuficiente, mas um resultado satisfatório.

A decisão das quartas-de-final da Copa do Brasil seria dali a uma semana, no Maracanã.

Escalações:

Athletico: Santos, Jonathan, Lucas Halter (Robson Bambu), Léo Pereira, Márcio Azevedo, Wellington, Bruno Guimarães, Nikão (Bruno Nazário), Marcelo Cirino, Vitinho, Marco Ruben e Rony. Técnico: Tiago Nunes

Flamengo: Diego Alves, Rodinei, Léo Duarte, Rodrigo Caio, Renê, Cuéllar (Everton Ribeiro), Willian Arão, De Arrascaeta, Vitinho (Diego), Gabigol e Bruno Henrique (Piris da Motta). Técnico: Jorge Jesus

Gol do Flamengo: Gabigol

Flamengo 6 x 1 Goiás, 14/07/2019

O time ia ganhando corpo e tempo era o que faltava para Jorge Jesus emplacar seu esquema de jogo.

O português, no entanto, não reclamava - e sua dedicação à equipe começava a fazer história no clube (ele chegava ao Ninho do Urubu nas primeiras horas da manhã e era um dos últimos a deixar o centro de treinamentos).

O jogo contra o Goiás fora marcado para a manhã de um domingo e a maioria do público achava que o principal adversário dos rubro-negros seria a temperatura escaldante no Maracanã.

Era a estreia do treinador frente à sua torcida e sessenta mil pagantes se dispuseram a trocar a praia pela proximidade da equipe.

O time não decepcionou.

Depois de um início promissor, com uma jogada de cinema de Rafinha e com o gol de De Arrascaeta logo nos primeiros minutos, o Flamengo viu seu ex-jogador Kayke empatar a partida logo em seguida em uma falha desconcertante de Rodrigo Caio. Os goianos chegaram a

acertar a trave de Diego Alves e o intervalo se aproximava sem que houvesse nova mudança no placar.

Então, De Arrascaeta enfiou uma bola entre as pernas de seu marcador, Trauco cruzou na pequena área e Bruno Henrique rolou para o fundo do gol, aos quarenta e três minutos do primeiro tempo. Enquanto a torcida celebrava, De Arrascaeta voltou a marcar duas vezes nos seis minutos seguintes, completando de bico uma bela arrancada de Gabigol e acertando um maravilhoso chute de canhota por cobertura. Quatro a um e a certeza da vitória.

No segundo tempo a equipe manteve sua volúpia ofensiva, algo que fizera parte da história rubro-negra mas que parecia ter sido esquecido por quem andou pelo clube nos últimos anos. De Arrascaeta, impossível, cruzou na medida para a cabeçada de Gabigol e o Flamengo continuou atacando e perdendo chances, como um chute para o alto de Bruno Henrique desferido da marca do pênalti. Saltava aos olhos a compactação dos jogadores e a presença de vários deles na área do Goiás a cada ataque.

Da tabelinha entre Everton Ribeiro, De Arrascaeta e Gabigol saiu o sexto e último gol, fechando o placar.

Um time ainda em formação mas bastante entusiasmado enfrentaria sua primeira decisão na era Jorge Jesus dali a quatro dias: a volta das quartas-de-final da Copa do Brasil contra o Athletico Paranaense, no próprio Maracanã.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha (Rodinei), Léo Duarte, Rodrigo Caio, Trauco, Willian Arão (Cuéllar), Diego, Everton Ribeiro, De Arrascaeta, Bruno Henrique (Vitinho) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Goiás: Tadeu, Daniel Guedes, Yago (Paulo Ricardo), Rafael Vaz, Jefferson, Geovane (Léo Sena), Yago Felipe, Giovanni Augusto (Marlone), Michael, Kayke e Leandro Barcia. Técnico: Claudinei Oliveira

Gols do Flamengo: De Arrascaeta (3), Gabigol (2) e Bruno Henrique

Flamengo 1 x 1 Athletico, 17/07/2019

Uma semana depois do primeiro confronto, a hora da definição.

Rafinha se ambientando novamente ao futebol brasileiro, um Maracanã lotado, o início da espinha dorsal do Flamengo sendo montada em torno de Diego Alves, do próprio Rafinha, de Rodrigo Caio, de Everton Ribeiro, de De Arrascaeta e de Gabigol. Bruno Henrique estava fora.

O primeiro tempo foi dominado pelo Flamengo e a lateral-direita mostrava que tinha um dono que fazia toda a diferença. De Arrascaeta quase abriu o marcador em uma cabeçada após bela jogada de Diego e de Gabigol, que agora se movimentava muito mais pelos lados do campo que nos tempos do Campeonato Carioca.

Sinal disso foi a jogada seguinte de perigo do time, iniciava por ele agora pela ponta-direita - o cruzamento de Rafinha encontrou Lincoln sozinho, mas sua finalização foi levemente desviada pelo goleiro Santos, chocando-se à trave.

Um dos pecados que os críticos costumavam apontar no Athletico - a saída de bola com o goleiro jogando com os

pés - quase gerou o primeiro gol dos cariocas, mas a conclusão de Lincoln foi fraca e parou nas mãos de Santos. A vitória flamenguista parecia ser questão de paciência.

O gol só aconteceria no segundo tempo com Vitinho pedalando várias vezes na frente de seu marcador antes de executar o drible e cruzar de pé esquerdo para o meio da área. Everton Ribeiro escorou de cabeça e o artilheiro Gabigol empurrou para as redes. A torcida vibrou como que já antecipando a classificação à próxima fase.

Aquele estágio do Flamengo, porém, ainda não havia amadurecido para enfrentar as adversidades de uma partida nem tinha o entrosamento necessário para fazer a criatividade correr solta. Em uma falha de antecipação de Rafinha, Rony foi lançado e tocou na saída de Diego Alves.

A classificação seria definida nos pênaltis.

Diego Ribas, que já havia desperdiçado importantes cobranças em seus anos de Flamengo, foi o primeiro a bater e... perdeu, atrasando a bola para Santos que sequer se movimentou. Jonathan pôs o Furacão em vantagem e aí foi a vez de Vitinho também jogar fora a sua cobrança. Com a

conversão de Lucho González, só um milagre poria o Mengão de novo na disputa.

Cuéllar finalmente abriu a contagem para o Flamengo e Bruno Nazário desperdiçou a sua chance - ainda havia uma esperança.

Mas Everton Ribeiro perdeu a quarta penalidade do time, com Santos agarrando a bola ao pular para a sua esquerda. Athletico classificado e a primeira decepção de Jorge Jesus em seu terceiro jogo à frente do time.

Será que o ano de 2019 seria novamente de "cheirinho"?

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha (Rodinei), Léo Duarte, Rodrigo Caio, Renê, Cuéllar, Diego, Everton Ribeiro, De Arrascaeta (Vitinho), Lincoln (Berrío) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Athletico: Santos, Jonathan, Léo Pereira, Robson Bambu, Márcio Azevedo (Lucho González), Wellington, Bruno Guimarães, Nikão (Bruno Nazário), Marcelo Cirino (Vitinho), Rony e Marco Ruben. Técnico: Tiago Nunes

Gol do Flamengo: Gabigol

Corinthians 1 x 1 Flamengo, 21/07/2019

O time ainda sentia os efeitos da eliminação pelo Athletico na noite de quarta-feira e tinha de rapidamente encontrar forças para enfrentar o Corinthians, em São Paulo, menos de quatro dias depois.

Para complicar a situação de Jorge Jesus, Rafinha tinha fadiga muscular, De Arrascaeta se recuperava de uma contusão e Everton Ribeiro estava fora da partida, assim como Vitinho.

Gerson chegara da Itália e era escalado pela primeira vez sem o período ideal de adaptação. Jorge Jesus também aproveitava para descansar Bruno Henrique.

A primeira chegada ao ataque do Flamengo se deu antes dos dois minutos de jogo, em um belo chute de longe de Diego que Cássio espalmou para o lado. Lance que Pedrinho quase repetiu na sequência, obrigando Diego Alves a uma bela defesa.

A pressão exercida pelos homens de meio e de frente do Flamengo se fazia notar, com Arão roubando bolas perto

da grande área ofensiva e com Gabigol quase conseguindo se infiltrar entre Cássio e Manoel e abrir a contagem.

O Corinthians terminou a primeira etapa com um pouco mais de presença, mas o jogo transcorria sem muitas emoções.

Aos doze do segundo tempo o árbitro marcou um discutível pênalti de Berrío em Vágner Love, convertido por Clayson. Corinthians um a zero.

Parecia que o Flamengo não teria forças para buscar o empate.

Perto dos quarenta minutos, no entanto, Renê cobrou um escanteio para o meio da área e Willian Arão subiu mais que a defesa paulista. Cássio conseguiu defender a bola que ia entrando no canto esquerdo, mas Gabigol, sozinho, igualou o placar. O bandeirinha marcou impedimento, o juiz consultou o VAR e após longos minutos de espera, finalmente Gabigol celebrou o seu gol e os locutores das emissoras de rádio, TV e internet conseguiram soltar seus gritos da garganta.

O Flamengo chegava ao fim da décima rodada do Brasileiro com vinte e um pontos, a cinco de distância dos

líderes Palmeiras e Santos.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rodinei, Léo Duarte, Rodrigo Caio, Renê, Cuéllar (Bruno Henrique), Willian Arão, Diego, Gerson (Lincoln), Vitinho (Berrío) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Corinthians: Cássio, Fágner, Manoel, Gil, Danilo Avelar, Gabriel (Mateus Vital), Júnior Urso, Pedrinho, Sornoza (Boselli), Clayson (Everaldo) e Vágner Love. Técnico: Fábio Carille

Gol do Flamengo: Gabigol

Emelec 2 x 0 Flamengo, 24/07/2019

Jorge Jesus fez 65 anos na noite de sua estreia em Libertadores, recebendo como presente uma enfermaria lotada: De Arrascaeta, Vitinho e Everton Ribeiro, jogadores fundamentais para qualquer equipe, estavam lesionados e impedidos de atuar.

Além deles, Rafinha e Gerson ainda estavam foram de suas melhores condições mas deveriam entrar em campo em Guaiaquil.

Quando o Flamengo subiu dos vestiários a torcida viu duas coisas fora do roteiro esperado: os meiões brancos em vez de rubro-negros (para os mais velhos, um incômodo que lembrava a longínqua derrota de 3 a 1 para o Botafogo em 1981, quando o saudoso Mendonça deu um baile em Júnior); e a escalação de Rafinha pela meia-direita com a manutenção do questionado Rodinei na lateral.

Rafinha é um jogador versátil e com larga experiência em variações táticas ao gosto dos treinadores europeus. A princípio, sua presença fora da lateral não deveria ser algo tão contestado - o problema, no entanto, era o estado físico do jogador e a falta de tempo para entrosar os atletas.

O jogo foi um desastre.

Aos dez minutos, uma escapada pela direita do time equatoriano expôs a fragilidade dos laterais, do miolo de zaga e até do goleiro Diego Alves, redundado em um gol de Godoy. O Flamengo não conseguiu se encontrar em nenhum momento, nem mesmo quando ficou com um jogador a mais a partir da expulsão de Vega. Jesus mexeu pela primeira vez no elenco no segundo tempo, retirando Rodinei e lançando Lincoln, mas o garoto perdeu uma chance clara ao receber um passe açucarado de Bruno Henrique em uma das poucas chances de gol do time.

Diego levou um entrada duríssima e saiu de campo com o tornozelo fraturado, igualando numericamente as equipes e deixando o Flamengo sem armadores - para a partida e para o seguimento nas competições -, principalmente após a saída de Gerson e Arão para as entradas de Cuéllar e Lucas Silva. E foi Lucas Silva quem errou a jogada de ataque que proporcionou o contra-golpe do Emelec que gerou o segundo gol equatoriano, após a bola desviar nas pernas de Renê. A tragédia seria ainda pior caso o VAR não identificasse um toque de mão do Emelec

em um lance que resultou em pênalti de Bruno Henrique, anulado corretamente pelo árbitro.

Jesus precisaria fazer milagres em breve, a começar pelo jogo do fim de semana seguinte contra o Botafogo.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rodinei (Lincoln), Léo Duarte, Rodrigo Caio, Renê, Willian Arão (Cuéllar), Gerson (Lucas Silva), Diego, Rafinha, Gabigol e Bruno Henrique. Técnico: Jorge Jesus

Emelec: Dreer, Caicedo, Jaime, Vega, Bagüí, Dixon Arroyo, Godoy, Queiroz (Mejía), Guerrero (Carabali), Angulo e Cabezas (Orejuela). Técnico: Ismael Rescaldo

Flamengo 3 x 2 Botafogo, 28/07/2019

Apressados cronistas perguntavam se Jorge Jesus já estaria balançando no cargo de técnico do Flamengo após cinco jogos no comando da equipe. Os desfalques de jogadores de criação pareciam aumentar a nuvem negra que se formava sobre a cabeça do treinador - pelo menos, na visão daqueles jornalistas.

Jorge não demonstrava sinal de preocupação adicional, compreendendo que estar à frente de um gigante como o Flamengo é por si só um extraordinário desafio. Em vez de preparar desculpas prévias ao clássico contra o Botafogo, lamentando as ausências de De Arrascaeta, Diego, Everton Ribeiro e Vitinho, o Míster preferia tratar com tranquilidade o fato de que contusões fazem parte da rotina de times de futebol.

A escalação dos onze que entraram em campo trazia Rafinha de lateral-direito, Arão e Cuéllar juntos no meio-campo, no qual tinham a companhia de Gerson. No ataque, Gabigol, Bruno Henrique e o garoto Lincoln. A joia rubro-negra Reinier estava no banco de reservas, mais para servir ao técnico no caso de uma eventualidade do que para ser o

ponto de apoio da equipe. Na zaga, uma novidade forçada: com a venda do jovem titular Léo Duarte para o Milan, o espanhol Pablo Marí fazia a sua estreia.

Mesmo com todos os desfalques, a comparação entre os atletas do Flamengo e os do Botafogo não deixava dúvidas da qualidade superior dos rubro-negros - a grande questão era saber como se comportariam os escolhidos sem o entrosamento necessário. Após um início vibrante, a situação se complicou quando Rodrigo Caio pediu substituição devido a uma contusão muscular. A torcida ficou aflita: mais um titular fora de combate, tanto do clássico quanto da partida decisiva do meio da semana contra o Emelec. Na jogada seguinte à saída do zagueiro, gol do Botafogo! - Cícero, de cabeça, em uma aparente falha do sistema defensivo.

Será que a rodada terminaria de forma trágica?

O time flamenguista, porém, não desanimou - e isso, claramente, devido à presença de Jorge Jesus à beira do gramado. Instruindo os jogadores de acordo com seus conceitos de futebol ofensivo e de marcação alta, o treinador encontrou os espaços para uma bela exibição do

trio Rafinha, Gerson e Gabigol; o jovem ex-Fluminense, Roma e Fiorentina empatou a partida com um forte chute, Gabigol virou o placar no segundo tempo (após tabelinha com Rafinha) e Bruno Henrique deu números finais concluindo uma trama irresistível do lado direito do time - é verdade que Diego Alves havia falhado no gol de empate de Diego Souza, minutos antes.

Os botafoguenses reclamaram da atuação do árbitro, não sem alguma razão, mas o domínio rubro-negro foi incontestável. Lincoln também saiu com contusão muscular (o lance visto na TV deixou claro que sua perna prendeu no gramado ao fazer um movimento brusco, mas os jornalistas contrários ao português começaram a contestar os métodos de preparação física de sua comissão técnica) e Jesus começava a fazer planos para a decisão que iria enfrentar dali a três dias.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio (Thuler), Pablo Marí, Trauco, Cuéllar, Willian Arão, Gerson, Gabigol (Piris da Motta), Lincoln (Lucas Silva) e Bruno Henrique. Técnico: Jorge Jesus

Botafogo: Gatito Fernández, Marcinho, Joel Carli, Gabriel, Jonathan (Lucas Barros), Cícero, Alex Santana, João Paulo (Victor Rangel), Rodrigo Pimpão (Lucas Campos), Luiz Fernando e Diego Souza. Técnico: Eduardo Barroca

Gols do Flamengo: Gabigol, Gerson e Bruno Henrique

Flamengo 2 x 0 Emelec, 31/08/2019

Os ingressos para a partida decisiva contra o Emelec se esgotaram dias antes do jogo - mais de sessenta mil torcedores foram ao Maracanã na noite de quarta-feira para empurrar o time reconhecidamente mais forte mas que sofria com desfalques em série e com a falta de entrosamento.

A escalação dos titulares veio a público trazendo um nítido sinal de que as coisas estavam se ajeitando: Everton Ribeiro fora relacionado entre os onze e De Arrascaeta estava no banco.

O ritmo inicial do Flamengo foi alucinante: antes dos cinco minutos Gabigol perdera um gol incrível frente a frente com o goleiro equatoriano. Em seguida, Rafinha fez ótima infiltração pela direita e caiu dentro da área ao pressentir o contato com o adversário - o árbitro argentino, bem próximo à jogada, marcou o pênalti, sem consultas ao VAR. Gabigol bateu e abriu o placar, para delírio da torcida.

Dez minutos depois, em arrancada fulminante pela esquerda, Bruno Henrique serviu Gabigol - e este ampliou a

vantagem rubro-negra. Devolvíamos o resultado de Guaiaquil e estávamos definitivamente vivos!

O resto do confronto, porém, não foi confortável para o Flamengo: o cansaço e as perdas de jogadores apresentaram a conta e o Emelec dominou a segunda etapa. De Arrascaeta substituiu Everton Ribeiro, Reinier entrou no lugar de Gabigol (que sentiu dores musculares) e a disputa por pênaltis foi inevitável.

Todos os cobradores rubro-negros marcaram (De Arrascaeta, Rafinha, Renê e Bruno Henrique) e Diego Alves, contestado no jogo de três dias atrás, tornou-se herói ao defender uma das cobranças equatorianas.

Enquanto torcida e time se uniam na celebração do avanço às quartas-de-final da Libertadores, nove anos depois da última vez que isso ocorrera, um extenuado Jorge Jesus repousava sozinho no banco de reservas, sem demonstrar emoção aparente.

Talvez já prevendo os próximos movimentos da equipe.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Thuler, Pablo Marí, Renê, Cuéllar, Willian Arão, Gerson (Berrío), Everton Ribeiro (De Arrascaeta), Bruno Henrique e Gabigol (Reinier). Técnico: Jorge Jesus

Emelec: Dreer, Caicedo, Mejía, Jaime (Quintero), Bagüí, Arroyo, Queiroz, Guerrero (Carabali), Cabezas, Godoy (Cortez) e Angulo. Técnico: Ismael Rescaldo

Gols do Flamengo: Gabigol (2)

Bahia 3 x 0 Flamengo, 04/08/2018

Menos de um mês antes o Flamengo havia aplicado uma bela goleada de 6 a 1 no Goiás e o cronista Mauro Cezar Pereira cantara a bola de que haveria reações, pois o Flamengo apostava em uma forma diferente de jogar, com marcação alta e ofensividade. Naturalmente, haveria momentos em que a coisa não funcionaria, o time perderia - e aí, a gritaria seria geral...

Um time cansado e ainda com vários atletas contundidos foi a Salvador enfrentar o Bahia. Feliz pela classificação na Libertadores, o Mengão sabia que as coisas podiam não ser tão fáceis assim.

Jesus escalou seus titulares com Everton Ribeiro e De Arrascaeta, o que causou surpresa; ambos vinham de contusão e não estavam em sua melhor forma física. Além disso, resolveu promover a estreia de Filipe Luís na lateral esquerda. O clube também estreava seu terceiro uniforme, de cor chumbo - e os rubro-negros mais desconfiados já olhavam torto para a novidade (nos últimos tempos o uso de terceira camisa em geral não terminava bem...).

O jogo foi terrível! Embora tivesse setenta por cento de posse de bola, o cansaço e a tentativa de jogar no campo do adversário permitiram ao Bahia aproveitar vários contra-ataques. Diego Alves ainda entregou o segundo gol nos pés de Gilberto e o centroavante aproveitou a péssima reposição de bola - ele já abrira o placar e iria dar números finais ao jogo.

O mesmo Mauro Cezar, à noite, fez uma análise bem interessante do que vira: o cansaço fora determinante - mas o treinador deveria ter avaliado melhor que seria impossível atuar na intensidade desejada com os jogadores nas condições em que estavam. Por outro lado, uma nova filosofia sendo implantada ficava sujeita a tais trovoadas - não devíamos nos esquecer que Jorge Sampaoli, técnico do líder Santos (que aplicara 6 a 1 no Goiás), havia levado duas goleadas no Campeonato Paulista e fora surrado por 4 a 0 pelo Palmeiras no Brasileiro.

Muito ainda havia a ser feito.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Thuler, Pablo Marí, Filipe Luís (Renê), Piris da Motta (Reinier), Willian Arão,

Gerson, Everton Ribeiro, De Arrascaeta (Berrío) e Bruno Henrique. Técnico: Jorge Jesus

Bahia: Douglas Friedrich, Nino Paraíba, Lucas Fonseca, Juninho, Moisés, Gregore, Flávio, Giovanni (Ramires), Lucca, Artur e Gilberto (Fernandão). Técnico: Roger Machado

Flamengo 3 x 1 Grêmio, 10/08/2019

O Santos entrou em campo às 17h já sabendo que manteria a primeira colocação do campeonato independente do resultado de seu jogo com o São Paulo. Já o tricolor - empolgado com as recentes contratações de Daniel Alvez e Juanfran - convocou sua torcida para o Morumbi, na certeza de que a partida era uma oportunidade de ouro para a equipe conseguir sua primeira vitória em clássicos regionais no ano.

Apesar do primeiro tempo dominado pelos santistas, o time da capital conseguiu a virada e venceu por 3 a 2, um placar que fez o São Paulo empatar em pontos com o Flamengo e estacionar a pontuação do Santos.

Assim, uma vitória do Flamengo às 19h o colocaria mais perto da ponta da tabela. O adversário - o Grêmio - preferiu poupar seus titulares em virtude dos próximos compromissos pela Copa do Brasil e pela Libertadores da América.

De Arrascaeta foi o nome da noite: ele enfiou uma bola na medida para o gol de Arão e no segundo tempo, quando os gaúchos já haviam empatado o jogo, pôs os

rubro-negros novamente em vantagem ao completar um belo lance de ataque em que Bruno Henrique acertara a trave.

Gerson mandou outra bola no poste e Everton Ribeiro fechou a jornada após uma bonita jogada pela ponta-direita.

Aliviados com o bom resultado e com a diminuição da distância para Palmeiras e Santos, os torcedores do Flamengo agora só tinham pensamento para duas coisas: o confronto do fim de semana seguinte contra o Vasco, em Brasília... e a possível chegada do astro italiano Mauro Balotelli.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Thuler, Pablo Marí, Filipe Luís (Renê), Cuéllar (Piris da Motta), Willian Arão, Gerson, Berrío (Everton Ribeiro), Bruno Henrique e De Arrascaeta). Técnico: Jorge Jesus

Grêmio: Júlio César, Léo Moura, Paulo Miranda, David Braz, Juninho Capixaba, Darlan, Thaciano, Rafael Galhardo (Everton), Luan (Da Silva), Pepê e Luciano (Patrick). Técnico: Renato Gaúcho

Gols do Flamengo: Willian Arão, De Arrascaeta e Everton Ribeiro

Vasco 1 x 4 Flamengo, 17/08/2019

Balotelli no Mengão???

A semana foi dominada pela expectativa de contar com o atacante italiano na equipe - representantes do Flamengo viajaram para a Europa enquanto a imprensa gerava todo tipo possível de notícias.

Super Mario acabou não vindo - preferiu ganhar menos para jogar no clube de sua região e estar mais perto dos olhos do treinador da Azzura, Roberto Mancini.

Os torcedores, em vez de encararem a negativa como uma derrota, encheram-se de orgulho ao constatar a capacidade de investimento e a visão ambiciosa dos dirigentes.

O clássico contra o Vasco havia sido marcado para São Januário, pois o presidente cruzmaltino ficara indignado com a concessão do Maracanã à dupla Fla-Flu - mas uma manutenção nos refletores impediu a realização da partida na Colina e o jogo foi transferido para Brasília.

Brasília, casa do Flamengo.

O estádio recebeu mais de sessenta mil pagantes, que viram um primeiro tempo equilibrado, com o Vasco

chegando a ameaçar a meta de Diego Alves. Mas nos últimos instantes daquela etapa, Bruno Henrique - convocado para a Seleção Brasileira por Tite - acertou um belo chute no ângulo e o Flamengo foi para o intervalo em vantagem.

Na volta dos vestiários o controle rubro-negro foi total: Bruno Henrique, Gabigol e De Arrascaeta marcaram - apesar do juiz ter atribuído equivocadamente o gol de Bruno para Gabigol - e o único gol do Vasco saiu de uma cabeçada de Leandro Castán. A evolução da equipe era nítida e Diego Alves, que vinha sendo contestado por falhas em jogos recentes, defendeu dois pênaltis marcados contra o Flamengo, um de Pikachu, o outro de Bruno César.

Jorge Jesus parecia feliz na coletiva, à espera do primeiro confronto pelas quartas-de-final da Libertadores, dali a quatro dias.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rodinei, Thuler, Pablo Marí, Filipe Luís, Cuéllar, Willian Arão, Gerson (Everton Ribeiro), De Arrascaeta (Piris da Motta), Bruno Henrique e Gabigol (Berrío). Técnico: Jorge Jesus

Vasco: Fernando Miguel, Cáceres (Bruno César), Henríquez, Leandro Castán, Henrique, Richard, Raul, Lucas Mineiro (Andrey), Pikachu, Marquinho (Tiago Reis) e Talles. Técnico: Vanderlei Luxemburgo

Gols do Flamengo: Bruno Henrique, Gabigol (2) e De Arrascaeta

Flamengo 2 x 0 Internacional, 21/08/2019

Em dia de Libertadores, o Maracanã se vestiu de rubro-negro na noite de quarta-feira e a Magnética ficou em êxtase ao saber que Gabigol teria condições de jogo. Jorge Jesus montou um time bastante agressivo, mantendo no entanto os dois volantes (Arão e Cuellár) para vigiar os perigosos contra-ataques do Inter.

O primeiro tempo foi tenso e digno dos amantes do xadrez: posse de bola do Flamengo, dificuldade de penetrar na defesa gaúcha e as melhores chances em chutes de fora de área, principalmente de Everton Ribeiro e do iluminado Bruno Henrique.

Guerrero, provocado pela massa, dava trabalho aos zagueiros cariocas e quase abriu o placar para os colorados.

No intervalo De Arrascaeta foi substituído por Gerson, que a cada dia se consolidava mais como coringa da equipe e caía nas graças da galera. A partida continuou amarrada até que Everton Ribeiro lançou Bruno Henrique em alta velocidade. O defensor gaúcho travou o arremate na hora fatal, mas Gerson vinha na sequência e com um toque de

extrema clarividência deixou o atacante sozinho para fazer um a zero e explodir o Maracanã em festa.

Menos de cinco minutos depois, a bola rolou mansamente dos pés de Filipe Luís para os de Gabigol e destes para os de Bruno Henrique - e o artilheiro não perdoou: Flamengo dois a zero!

O ritmo do jogo ficou alucinante nos minutos finais, Gerson, Bruno Henrique e Gabigol fizeram ótima trama que não resultou em gol por milagre e o resultado aumentou as esperanças rubro-negras de uma semifinal de Libertadores quase quatro décadas depois da última vez.

Na manhã seguinte, o ótimo cronista Rodrigo Mattos destacava em sua coluna na internet a capacidade de Jorge Jesus fazer funcionar a rotação de jogadores no time, algo que outros treinadores haviam tentado sem sucesso. E vaticinava:

"É difícil saber como será o formato final do Flamengo de Jesus e mesmo se haverá um formato definitivo. É um time ainda em construção. Mas pode ser que venha a ser uma equipe eternamente em construção, se adaptando às

condições, obrigando seus jogadores a pensarem em novos espaços para jogar".

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís, Cuéllar, Willian Arão, Everton Ribeiro (Berrío), De Arrascaeta (Gerson), Bruno Henrique (Piris da Motta) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Internacional: Marcelo Lomba, Bruno, Moledo, Cuesta, Uendel, Lindoso, Edenílson (Guilherme Parede), Patrick, D'Alessandro (Nico López), Rafael Sóbis (Wellington Silva) e Paolo Guerrero. Técnico: Odair Hellmann.

Gols do Flamengo: Bruno Henrique (2)

Ceará 0 x 3 Flamengo, 25/08/2019

Na véspera da partida contra o Ceará, o genial Arthur Muhlenberg escreveu em sua coluna no site "República Paz e Amor":

"Quem não é vagabundo, não está na aba de ninguém e precisa trabalhar pra poder comprar seus pacotes de figurinhas, já viu aquelas placas de segurança do trabalho que informam que aquela empresa está há não sei quantos dias operando sem acidentes e que o recorde é de tantos dias. Quando eu trabalhei no Flamengo vi que lá também tem essa placa, só que ligeiramente adaptada. Na placa que fica na Gávea está escrito em letras vermelhas e pretas: Estamos há 0 dias sem perrengue. Nosso recorde é 0 dias".

Tudo isso porque, embora tivesse todos os motivos para viver um clima tranquilo e eufórico após a bela vitória contra o Internacional na quarta-feira, o Flamengo ameaçava iniciar uma crise por conta do comportamento do meio-campo Cuéllar. Misturando um (real) problema familiar com a chance de aceitar uma proposta milionária do exterior, Cuéllar pedira para não jogar e fora afastado por tempo indeterminado pela direção do clube. A situação

ainda ficara mais crítica pois Willian Arão encontrava-se suspenso para o segundo e decisivo confronto contra os gaúchos, marcado para dali a poucos dias, e perder o outro volante titular da equipe parecia temeroso.

No mesmo texto, Muhlenberg dava a pista do que poderia estar gerando insatisfação do colombiano, sendo uma voz única e lúcida na contramão da imprensa que julgava Cuéllar como um jogador imprescindível:

"Enquanto Cuéllar jogava naquele meio de campo roda presa e que marcava mal com que sofremos nos últimos anos o seu estilo voluntarioso reluzia. Sua inegável raça e a vontade de vencer o faziam notável. Só que com as novas contratações, e no esquema imposto por Jesus em que a zaga joga avançada, o sarrafo subiu. Ficou mais difícil para um jogador especializado em destruição aparecer como antes".

Análise impecável.

O time chegou em Fortaleza pensando em alcançar a primeira posição na tabela do campeonato, após o surpreendente empate do Santos com o Fortaleza e a derrota do São Paulo para o Vasco. Jorge Jesus decidira

poupar apenas alguns de seus titulares, afirmando que o Campeonato Brasileiro nunca poderia ser desprezado.

Quando a bola rolou, um Flamengo maduro, dedicado e técnico comandou as ações. Após perder algumas chances - como a de Berrío, frente a frente com o goleiro adversário -, a equipe abriu a contagem em uma belíssima jogada ensaiada convertida pelo zagueiro espanhol Pablo Marí.

Ainda no primeiro tempo, Gabigol recebeu um passe açucarado de Berrío e ampliou.

Na metade final da partida, Jesus executou o rodízio entre craques do campo e do banco de reservas, e quando tudo parecia indicar o término do jogo, Rafinha cruzou uma bola alta para De Arrascaeta fazer um dos mais belos gols da temporada, uma bicicleta da entrada da grande área que venceu o bom goleiro cearense.

Até a torcida adversária aplaudiu de pé.

Cuéllar acabou reintegrado ao grupo no dia seguinte e o Flamengo seguiu para um resort em Viamão, aguardando a medição de forças contra o Inter.

No Brasileiro, o clube estava no topo.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, João Lucas (Rafinha), Rodrigo Caio, Pablo Marí, Renê, Piris da Motta, Willian Arão, Gerson (Everton Ribeiro), De Arrascaeta, Berrío (Bruno Henrique) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Ceará*:* Diogo Silva, Samuel Xavier, Valdo, Tiago Alves, João Lucas, Fabinho, Ricardinho, Thiago Galhardo (Felipe Baxola), Lima (Wescley), Leandro Carvalho (Mateus Gonçalves) e Felippe Cardoso. Técnico: Enderson Moreira

Gols do Flamengo: Pablo Marí, Gabigol e De Arrascaeta

Internacional 1 x 1 Flamengo, 28/08/2019

A sala de entrevistas, após o empate que garantiu a classificação do Flamengo às semifinais da Libertadores, estava cheia. Jorge Jesus sentou-se ao lado de Bruno Henrique e começou a responder às perguntas dos repórteres.

Quem prestasse um pouco mais de atenção em suas palavras sentiria uma ponta de alívio em relação ao passado recente de outros comandantes; não havia mais ali críticas recorrentes à arbitragem, paternalismo encobridor de um pacto de mediocridade com os jogadores, nem mesmo uma autopromoção exagerada de seus feitos. A fala era direta e inteligente.

Há pouco o time realizara mais uma bela partida. Tendo chances reais de resolver o jogo nos seus primeiros minutos, o Flamengo se comportou como o esperado de um grande competidor que tem o melhor elenco do país: jogou no ataque, teve uma defesa cada vez mais inspirada e não se intimidou com as cinquenta mil vozes empurrando o adversário.

O toque de bola da equipe, especialmente no primeiro tempo, já é uma marca do trabalho de Jorge Jesus. O rubro-negro apresenta um estilo à europeia, no que diz respeito a manter a calma mesmo durante os momentos em que é apertado pelo oponente, algo comum de acontecer quando dois gigantes do futebol se encontram. A melhor formação disponível foi a campo, - com Jorge Jesus, De Arrascaeta, Gerson, Bruno Henrique, Everton Ribeiro e Gabigol podem e devem atuar juntos.

A jogada do gol de empate do Flamengo é saborosa de se ver: um contra-ataque alucinante em que Bruno Henrique esconde até o último instante a definição do lance, para fazer um passe perfeito e deixar Gabigol à vontade para marcar seu vigésimo sexto gol na temporada. Pablo Marí teve atuação de gala, assim como seu parceiro Rogério Caio. Os laterais (Rafinha e Filipe Luís) são excelentes.

Quando perguntado pelos jornalistas se concordava com a afirmação de Renato Gaúcho que os tricolores atualmente jogavam o melhor futebol do Brasil, Jorge Jesus saiu-se impecável em sua resposta:

“Aceito a opinião do treinador do Grêmio... Se falarmos no Campeonato, não é - quem joga melhor é quem vai à frente... Se falar da Libertadores, aí sim pode falar, porque está na frente. Copa do Brasil? - também pode falar, porque lá está. Agora, o jogar melhor é subjetivo... Pra mim, quem joga melhor é o Flamengo!”.

A cada dia a torcida rubro-negra tinha mais motivos para se apaixonar pelo português.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís (Renê), Cuéllar (Piris da Motta), Gerson, Everton Ribeiro (Berrío), De Arrascaeta, Bruno Henrique e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus.

Internacional: Marcelo Lomba, Bruno, Rodrigo Moledo, Cuesta (Sarrafiore), Uendel (Wellington Silva), Rodrigo Lindoso, Edenilson, Patrick, D'Alessandro, Rafael Sobis (Nico López) e Paolo Guerrero. Técnico: Odair Hellmann.

Gol do Flamengo: Gabigol

Flamengo 3 x 0 Palmeiras, 01/09/2019

Após a partida, a mídia nacional parecia convertida a Jorge Jesus e a seu Flamengo. Pouco mais de dois meses após o início de seu trabalho, o time havia revertido uma desvantagem de oito pontos para o então primeiro colocado na tabela do Brasileiro e agora, no gramado do Maracanã, acabara de bater o mesmo Palmeiras por categóricos três a zero.

A coluna de Renato Maurício Prado já em seu título não deixava dúvidas quanto à crescente admiração pelo português: "Jesus multiplica meias e prega volantes na cruz". Um jogo de palavras que explicava a ousada estratégia rubro-negra de entrar em campo com dois habilidosos meias (Arão e Gerson) a criar a transição para o ataque onde brilhavam Everton Ribeiro, De Arrascaeta, Bruno Henrique e Gabigol, em oposição à decisão de Scolari de escalar o Palmeiras com três volantes.

Dizia Renato Maurício:

"... os paulistas levaram um baile, pelo Brasileiro, no Maracanã.

Está aí um ponto mais do que saudável na chegada dos dois Jorges, que vieram do exterior e lideram o campeonato mais importante do país: Jesus e Sampaoli. Eles preferem meias a volantes. E o ataque à retranca. Palmas para eles.

Falando mais especificamente do técnico português, o que ele vem conseguindo no Flamengo é uma bela metamorfose, quase um milagre, em relação aos seus antecessores.

Passou a ter, é verdade, um elenco estelar nas mãos – bem mais qualificado do que o de seu xará, da Vila Belmiro. Mas o estilo corajoso e cada vez mais eficiente de seu time remete, sem exageros, ao que se vê de melhor no futebol europeu: compactação quase permanente, marcação no campo do adversário, na maior parte do tempo, e alta rotatividade de seus jogadores, sobremaneira os armadores e atacantes.

Por isso, os volantes de Hellmann e, principalmente, os de Felipão, ficaram tontos diante da multiplicação dos meias de Jesus e, incapazes de evitar os gols do Fla, acabaram pregados na cruz de suas retrancas".

Na ESPN Brasil, Jorge Nicola ia ainda além, relembrando que Jorge Jesus quebrava paradigmas da própria imprensa esportiva brasileira, ao encontrar soluções para a escalação simultânea de Bruno Henrique, Gabigol, De Arrascaeta e Everton Ribeiro, algo em que nem o mais arrojado dos jornalistas nacionais parecia acreditar. Arão a cada dia apresentava um futebol mais versátil e eficiente, e Gerson,... bem, a mídia inteira se rendia à qualidade do rubro-negro que até pouco tempo jogava futsal com Tom, filho de Caetano Veloso, e agora se mostrava ao mundo com um dos mais modernos e habilidosos meio-campistas do futebol.

A goleada sobre os paulistas aumentava a confiança da torcida e o prazer dela estar vendo o melhor time do Flamengo pós-Zico, jogando para frente em qualquer situação, detendo mais de 60% de posse de bola e criando um harmonioso conjunto.

Como a história do clube pedia.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio (Thuler), Pablo Marí, Filipe Luís, Willian Arão, Gerson, Bruno

Henrique (Berrío), De Arrascaeta (Piris da Motta), Everton Ribeiro e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Palmeiras: Weverton, Marcos Rocha, Gustavo Gómez, Vitor Hugo, Diogo Barbosa, Felipe Melo, Matheus Fernandes (Raphael Veiga), Bruno Henrique (Jean), Willian (Gustavo Scarpa), Dudu e Luiz Adriano. Técnico: Luiz Felipe Scolari

Gols do Flamengo: Gabigol (2), De Arrascaeta

Avaí 0 x 3 Flamengo, 07/09/2019

De tanto ouvir que era um sósia de Jorge Jesus, resolvi testar nossa popularidade no estádio Mané Garrincha, palco da partida entre o Flamengo e o Avaí pela penúltima rodada do primeiro turno do Campeonato Brasileiro. A venda do mando de campo pela equipe catarinense gerou ruído na imprensa esportiva - apesar de estar amparada nos termos do regulamento da competição -, uma vez que o rubro-negro certamente teria a maioria da torcida de Brasília.

Caprichei no visual pondo uma blusa com o símbolo flamenguista no peito, um blazer por cima dela - semelhante ao visual do treinador em alguns dos jogos recentes da equipe - e um crachá com o termo "Míster" pendurado no pescoço. Assim rumei para o campo de jogo.

O Mané Garrincha recebeu cerca de cinquenta mil pagantes na tarde de sábado, confirmando a espantosa média observada nas partidas do time. Devido às ausências forçadas de Rodrigo Caio, De Arrascaeta, Bruno Henrique e Berrío, Jorge Jesus resolveu dar uma chance para Rhodolfo na zaga titular, lançando Piris da Motta no meio-campo e o garoto brasiliense Reinier no lugar do uruguaio. Nada

alterou, no entanto, a disposição do Flamengo de buscar o gol desde o minuto inicial.

E o primeiro deles veio após uma bela combinação de Reinier com Gabigol, que marcou de perna direita. A galera explodiu de alegria, que ficou ainda maior com a certeira cabeçada de Pablo Marí após cobrança de escanteio de Everton Ribeiro.

No meio da torcida, minha popularidade aumentava: vários rubro-negros reconheciam minha semelhança com Jorge Jesus, tiravam selfies e me abraçavam.

Na volta para o segundo tempo, Reinier tabelou com Gabigol e marcou um belíssimo gol, fechando o placar. O Flamengo voltava à ponta da tabela do Campeonato e faria seu último jogo no turno dali a uma semana, contra o Santos - segundo colocado no torneio -, em pleno Maracanã.

"Olê, olê, olê, olê,... Míster, Míster!" cantava feliz a Magnética.

Orgulhoso, eu curtia meu dia de ídolo de quarenta milhões de rubro-negros.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rhodolfo, Pablo Marí, Filipe Luís (Renê), Piris da Motta (Vitinho), Willian Arão, Gerson, Everton Ribeiro, Reinier (João Lucas) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Avaí: Vladimir, Iury, Ricardo, Marquinhos Silva, Igor Fernandes, Pedro Castro, Richard Franco (Gustavo Ferrareis), João Paulo (Matheus Barbosa), Caio Paulista, Lourenço e Brenner (Jonathan). Técnico: Alberto Valentim

Gols do Flamengo: Gabigol, Pablo Marí e Reinier

Flamengo 1 x 0 Santos, 14/09/2019

O título do primeiro turno não existe formalmente no regulamento do Campeonato Brasileiro - a equipe que soma mais pontos ao fim da décima-nona rodada não possui qualquer vantagem adicional exceto sua própria posição privilegiada na tabela.

Ainda assim a coincidência das duas equipes melhores colocadas se enfrentarem no Maracanã lotado fez que quase setenta mil pessoas fossem ao estádio, desejosas de saber qual time terminaria o fim de semana na ponta.

Os dois Jorges, Jesus e Sampaoli, já não eram mais considerados incógnitas e se firmavam como os condutores das sensações do Campeonato Brasileiro, também por apresentarem um jogo ofensivo, intenso e bonito de se ver. Os canais de esportes que caíam na tentação de comparar jogador a jogador dos times concluíam, sem muito esforço, que todos os rubro-negros levavam vantagem em relação a seus correspondentes santistas. A chance do time paulista não sair derrotado no Rio residia justamente na reconhecida capacidade de Sampaoli montar excelentes conjuntos.

A partida foi boa de ser assistida, apesar de poucas chances reais de gols. Tanto Flamengo como Santos pressionaram as defesas adversárias e gastaram a bola em direção à meta do oponente. Uma análise mais acurada do que ocorreu em campo demonstraria que os cariocas tiveram o domínio permanente do jogo e estiveram sempre mais próximos da vitória.

O único gol da partida surgiu da combinação coletivo-individual que os mesmos jogadores rubro-negros que há meses eram apelidados de "arame liso" passaram a apresentar após a chegada de Jorge Jesus: Everton Ribeiro interceptou um passe de Eduardo Sasha, fez a ligação rápida a Gabigol e este, em um lance genial, encobriu o goleiro do Peixe com uma sutil cavadinha. Flamengo um a zero.

Na entrevista coletiva pós-jogo Jesus demonstrava sua satisfação com o time:

“Eu vou lhes dizer que este jogo que estava hoje a ser disputado aqui, no Maracanã entre o Santos e o Flamengo, só ao nível da Europa, das equipes: Barcelona, Real Madrid, Manchester United - aquelas que vocês quiserem de chamar.

Só as grandes equipes é que jogam a este nível - foi o que fez hoje o Santos... e o Flamengo".

Poucos dias antes uma revista esportiva francesa havia publicado uma entrevista concedida por Jorge Jesus há quase um ano, quando trabalhando na Arábia Saudita, em que mencionava que os treinadores brasileiros estavam se recuperando em termos táticos após um período em que haviam sido ultrapassados por seus colegas europeus. O principal motivo para isso seria a abundância de talentos individuais no Brasil que resolviam partidas sem a necessidade de esquemas mais elaborados - já na Europa, a tática compensaria o menor nível técnico apresentado.

Jorge Jesus foi enfático:

"Como treinador do Flamengo - e eu estou no Brasil - e portanto estou sujeito a críticas, mas quando as tiver, que elas sejam justas. Essa minha afirmação quando era treinador na Arábia Saudita foi na sequência de uma pergunta que é aquilo que eu sempre penso - e é por isso que estou aqui no Brasil. Que o jogador brasileiro, para mim - continuo a dizer - é o melhor do mundo, ... e face à qualidade do jogador brasileiro (tecnicamente ser muito

evoluído), deixou-se, posso dizer, para o lado a componente tática. Nós na Europa começamos a pensar mais na componente tática e não tanto na componente individual - no Brasil começou-se a pensar o contrário.... As palavras certas - vamos ouvir, hein? -: não valorizaram tanto a componente tática e continuaram a valorizar a componente técnica individual que o jogador brasileiro tem. Não disse que os treinadores do Brasil estavam ultrapassados. Se quiserem arranjar problemas, se quiserem... têm alguma coisa entalada na garganta porque o Flamengo está a ganhar, ok, no dia que o Flamengo não ganhar... agora, não inventem coisas daquilo que eu não disse".

Cada vez mais ídolo que nunca.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís (Renê), Willian Arão, Gerson, Everton Ribeiro, De Arrascaeta (Berrío), Bruno Henrique e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Santos: Éverson, Lucas Veríssimo, Gustavo Henrique, Luan Peres (Uribe), Victor Ferraz, Alisson, Carlos Sanchéz

(Felipe Jonatan), Jorge, Soteldo, Eduardo Sasha (Cueva) e Marinho. Técnico: Jorge Sampaoli

Gol do Flamengo: Gabigol

Cruzeiro 1 x 2 Flamengo, 21/09/2019

O ex-craque Paulo Cézar Caju, colunista do jornal "O Globo", escreveu um artigo afirmando já ter passado da hora de um treinador estrangeiro assumir o comando da Seleção Brasileira. Boa parte do texto falava da empolgação dos torcedores rubro-negros com o estilo e com os resultados obtidos por Jorge Jesus, ao mesmo passo que criticava a forma como Tite administrava a equipe nacional.

Concordo totalmente com o ex-craque, usando como um dos meus argumentos a realidade do futebol inglês, aquele que possui a melhor e mais rica liga de clubes do mundo e que há vários anos conta com técnicos estrangeiros a comandar suas equipes (por exemplo, Guardiola, Klopp, Pochetino, Mourinho, Rafa Benitez, Conti, Sarri, Van Gaal, Solskjaer e por aí vai). O próprio English Team foi dirigido recentemente por figuras como Fabio Capello e Gustav Ericsson.

A primeira rodada do segundo turno punha frente a frente duas histórias e dois momentos bem distintos: Jorge é um técnico experiente e seu Flamengo ocupava a primeira colocação do Campeonato Brasileiro; já o novato Rogério

Ceni, com um enorme potencial e amante do jogo ofensivo, encontrava-se em meio a um turbilhão à frente de um Cruzeiro na zona de rebaixamento e de vestiário dividido entre os que o apoiavam e os que lhe faziam resistência.

O melhor jogador da partida anterior, Everton Ribeiro, estava fora de combate com dores no calcanhar direito. Jorge Jesus decidiu começar a partida com uma única mudança, a entrada de Vitinho no lugar do titular contundido. Os quatro mil e quinhentos ingressos destinados à torcida rubro-negra foram adquiridos e a galera se fazia ouvir mesmo em um Mineirão dominado pelos adversários.

A partida foi muito boa, tecnicamente e do ponto de vista emocional. Cruzeiro e Flamengo se entregaram ao ataque, com os rubro-negros abrindo o placar logo aos seis minutos, quando uma bola roubada da defesa chegou aos pés de Gerson, que cruzou milimetricamente na cabeça do artilheiro Gabigol - uma pintura de jogada.

Ao fim do primeiro tempo o Cruzeiro passou a dominar as ações, com Pedro Rocha tendo uma ótima oportunidade na cara de Diego Alves e, logo em seguida, sofrendo um

discutível pênalti convertido por Thiago Neves. Na metade da partida, o empate em um gol prenunciava mais quarenta e cinco minutos eletrizantes.

O time de casa quase desempatou quando uma bola desviada em Filipe Luís explodiu na trave esquerda do goleiro flamenguista, mas os cariocas pouco a pouco foram retomando o controle das ações. De Arrascaeta, pivô de uma transferência traumática entre os clubes, era vaiado cada vez que tocava na bola.

Repetindo uma jogada que ocorrera no encontro dos times na abertura do campeonato, Arão escapou pela ponta direita, cruzou rasteiro para o meio da área, Gabigol fez um corta-luz de mestre e De Arrascaeta encheu o pé, decretando a vitória rubro-negra.

Quarenta e cinco pontos alcançados e a certeza de se manter na ponta da tabela, independentemente dos demais resultados da rodada.

Na entrevista coletiva, Jorge Jesus novamente mostrou tratar-se de um treinador diferenciado. Enquanto a imprensa e os torcedores exaltavam as qualidades do jogo flamenguista e a inédita sequência de sete vitórias seguidas

em partidas pelo Brasileiro, o português não se esquecia da anacrônica convocação feita por Tite dias antes para amistosos da Seleção Brasileira em outubro. Sem perder a linha, Jorge mostrava a lista de absurdos que reinam no futebol brasileiro: um calendário que não interrompe suas atividades quando dos jogos oficiais das seleções nacionais (as chamadas "datas-Fifa"), um organizador do torneio que não se preocupa com as condições técnicas e econômicas para a colocação de seu produto no mercado mundial, um treinador da Seleção que desfalca os dois principais times do país de jogadores-chave em seus elencos para a realização de amistosos em Cingapura contra Nigéria e Senegal e o fato dos clubes brasileiros não se organizarem e atuarem em conjunto para impedir tais disparates.

Em outro trecho da coletiva, Jorge Jesus demonstrou sua inteligência e fina ironia ao comentar que Renato Gaúcho possui títulos da Libertadores que ele não possui, que o Grêmio venceu o torneio mais vezes que o Flamengo e, portanto, se há algum favoritismo para um dos lados do confronto semifinal que ocorreria em outubro, este se encontra do lado gaúcho.

Para apimentar a situação, horas depois do jogo do Mineirão, o Grêmio goleou o Santos de Jorge Sampaoli por inacreditáveis três a zero em plena Vila Belmiro.

Os deuses do futebol manejavam como ninguém os destinos dos amantes do esporte aqui no Brasil.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís, Willian Arão, Gerson, Vitinho (Piris da Mota), De Arrascaeta (Rhodolfo), Bruno Henrique (Berrío) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Cruzeiro: Fábio, Orejuela, Cacá, Fabrício Bruno, Egídio, Henrique, Éderson (Dodô), Robinho, Thiago Neves (Ezequiel), Pedro Rocha (Fred) e David. Técnico: Rogério Ceni

Gols do Flamengo: Gabigol e De Arrascaeta

Flamengo 3 x 1 Internacional, 25/09/2019

Um dos piores jogos do time sob o comando de Jorge Jesus. O Maracanã estava novamente apinhado de gente, os titulares todos em campo, o entrosamento cada vez maior, ... mas a noite de quarta-feira reservava surpresas. O Inter entrou com uma escalação mais defensiva, porém com muita vontade de devolver os recentes resultados adversos contra o Flamengo. Os gaúchos marcavam em cima e tinham em Patrick o símbolo da dedicação e da entrega.

A sorte começou a virar para o lado rubro-negro com a contusão muscular de Moledo, antes dos dez minutos. A jogada do primeiro gol do Flamengo se deu justamente em cima de seu substituto, uma bela finta de corpo de Gabigol em Klaus, aproveitando seu erro de antecipação. O atacante driblou o goleiro Marcelo Lomba e foi agarrado por Bruno - Gabigol concluiu a jogada em cima do braço do lateral do Internacional, mas o juiz já marcara acertadamente o pênalti. O problema é que, segundo a nova regra do jogo, Bruno deveria receber cartão vermelho por impedir uma chance real de gol - e o árbitro não o fez de imediato,

dando-lhe apenas um cartão amarelo. Provavelmente auxiliado pelos juízes de vídeo, voltou atrás e expulsou o defensor gaúcho, causando revolta dos jogadores. Gabigol bateu o pênalti e colocou o Flamengo em vantagem. Pablo Guerrero vivia uma batalha especial contra a torcida rubro-negra; desde que o artilheiro trocara a Gávea pelo Beira-Rio as provocações não cessavam nos encontros entre as equipes. Para piorar, Guerrero passara em branco nos confrontos recentes pela Libertadores. O Flamengo dominava o campo e Guerrero teve a chance de empatar a partida, mas foi tocado dentro da área por Rodrigo Caio e perdeu o equilíbrio na hora do chute. O juiz não marcou o pênalti e tampouco verificou o VAR, deixando o peruano indignado. Momentos depois, em uma disputa de bola pelo alto, Rodrigo Caio e Guerrero bateram cabeças - ambos saíram sangrando da jogada -, gota d´água suficiente para o atacante se descontrolar e começar a reclamar e a xingar a arbitragem. Resultado: expulsão que fazia o Inter ficar, ainda no primeiro tempo, com dois jogadores a menos que o adversário. Tudo parecia à feição para uma goleada histórica, mas o Flamengo não aproveitou o momento. No

início do segundo tempo, Arão e Rodrigo Caio dividiram o mesmo lance com Patrick e perderam a jogada - a bola chegou aos pés de Edenílson, que bateu forte e contou com um desvio acidental no rosto de Gerson: o jogo estava empatado! O time não se desesperou e passou a traçar o combinado, de jogar sufocando o adversário e abrir espaços laterais na bem montada defesa colorada. E aí os gols saíram: o primeiro com De Arrascaeta completando um cruzamento perfeito de Rafinha e, poucos minutos depois, com Bruno Henrique só escorando para as redes um passe açucarado do uruguaio. Jorge Jesus ainda tentou dar mais ofensividade ao time colocando Reinier, Vitinho e Berrío em campo, mas o placar não se movimentou. Mesmo sendo uma atuação fraca para os novos padrões rubro-negros, a equipe se mostrou sólida e evoluindo - os tempos de afobação e de "arame liso" (muito cerco sem machucar o oponente) eram coisa do passado. O Míster vibrou com nova declaração de amor da torcida o fim do jogo. No dia seguinte, os rivais no Brasileiro e na Libertadores, Palmeiras e Grêmio, aplicaram sonoras goleadas em seus adversários,

jogando bom futebol e prenunciando um futuro espetacular do torneio.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Fillipe Luís, Willian Arão (Reinier), Gerson, Everton Ribeiro, De Arrascaeta (Vitinho), Bruno Henrique e Gabigol (Berrío). Técnico: Jorge Jesus

Internacional: Marcelo Lomba, Bruno, Rodrigo Moledo (Klaus), Víctor Cuesta, Uendel, Rodrigo Lindoso, Edenílson, Patrick, Nonato (Parede), Nico López (Zeca) e Paolo Guerrero. Técnico: Odair Hellmann

Gols do Flamengo: Gabigol, De Arrascaeta e Bruno Henrique

Flamengo 0 x 0 São Paulo, 28/09/2019

Na véspera da partida contra o tricolor do Morumbi, Filipe Luís declarou em uma entrevista que "não temos por que poupar. Estamos lutando por duas competições. Momento difícil das duas competições. Quem estiver melhor vai jogar. Depois pensamos no Grêmio. Agora, o foco é o São Paulo".

Jorge Jesus ficara satisfeito quando seus atletas pediram-lhe para que escalasse o que tivesse de melhor nas competições que disputava, brigando sempre pelo topo.

Filipe Luís concluiu: "nosso técnico é um espetáculo. Aprendemos todos os dias coisas novas e rimos muito com a maneira dele de ser. Tudo isso junto faz com que as coisas caminhem certo".

No entanto, quando os times vieram a campo, três modificações na equipe titular do Flamengo podiam ser vistas: o próprio Filipe Luís, Rafinha e Gerson começavam o jogo no banco, dando lugar respectivamente a Renê, Rodinei e Piris da Motta. Jorge Jesus queria ganhar o jogo mas sabia que o mais importante era não estourar craques a apenas quatro dias do confronto com o Grêmio, pela Libertadores.

E então foi possível observar o quanto os titulares rubro-negros faziam falta ao esquema vencedor de Jesus. A direção anterior do Flamengo montara boa parte do grupo atual de jogadores em um contexto em que seria impensável o clube negociar com estrelas atuando em times de ponta do cenário europeu. Assim, ao mesmo tempo em que a torcida se empolgava com a vinda de astros como Diego Alves, Everton Ribeiro e Diego Ribas, também se conformava em receber atletas medianos como Rodinei, Cuéllar, Berrío, Renê e Piris da Motta que, no momento de sua chegada à Gávea, pareciam titulares indiscutíveis.

A nova diretoria elevou o padrão de exigência - claro que amparada no saneamento financeiro levado a cabo por seus antecessores -, desde a contratação de uma comissão técnica europeia até a forma de negociação com craques de Seleção, tais como Rafinha, Rodrigo Caio, Filipe Luís, Gerson, De Arrascaeta, Bruno Henrique e Gabigol. Só aí muitos se deram conta do tamanho do desequilíbrio técnico entre reservas e titulares.

Mesmo assim e com todo o desentrosamento natural dos novatos, o rubro-negro foi mais presente e perigoso que

o São Paulo. Tiago Volpi transformou-se em destaque da partida e a estratégia são-paulina de parar o jogo com diversas faltas e de simular contusões para esfriar o andamento do jogo acabou sendo recompensada com o empate sem gols, primeiros pontos perdidos pelo Flamengo como mandante no Brasileiro. Nada que preocupasse demais a equipe, ainda mais porque o Palmeiras empataria no dia seguinte com o Internacional e se manteria à distância de três pontos na tabela, a mesma do início da rodada.

Na entrevista coletiva Jesus comentou sentir-se como quando era técnico na Arábia Saudita e os atletas se jogavam em campo para quebrar o ritmo da partida.

O português impressionava a todos dentro e fora de campo.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rodinei (Rafinha), Rodrigo Caio, Pablo Marí, Renê (Fillipe Luís), Willian Arão, Piris da Motta (Gerson), Everton Ribeiro, De Arrascaeta, Bruno Henrique e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

São Paulo: Tiago Volpi, Juanfran, Bruno Alves, Arboleda, Reinaldo, Tchê Tchê (Vitor Bueno), Luan, Hernanes (Hudson), Daniel Alves, Antony (Liziero) e Pablo. Técnico: Fernando Diniz

Grêmio 1 x 1 Flamengo, 02/10/2019

O grande dia enfim chegara!

A primeira partida das semifinais brasileiras da Libertadores foi disputada na Arena do Grêmio, envolta em clima de intensa expectativa. Os dois clubes que no momento apresentavam jogo mais bonito e eficaz no Brasil estavam frente a frente se em Porto Alegre.

Os donos da casa tinha problemas para escalar os titulares, fruto das ausências forçadas de Leonardo, Geromel e Jean Pierry, além das precárias condições físicas de Maicon. O Flamengo, por sua vez, vinha com força máxima a campo.

Quando a bola rolou, os primeiros quarenta e cinco minutos foram surpreendentes. Os rubro-negros assumiram total controle da partida, como se jogassem no Maracanã. Para quem assistia ao combate a impressão era a de um time europeu de ponta jogando contra uma equipe mediana da América do Sul, um domínio ainda maior que o visto na noite anterior, quando o River Plate vencera o Boca Juniors por dois a zero na outra semifinal.

O Flamengo chegou a ter mais de setenta por cento de posse de bola, demonstrando extremas frieza, mobilidade e habilidade com a bola nos pés. Não tardou para Everton Ribeiro balançar as redes gremistas, porém o gol foi corretamente anulado por um empurrão de Gabibol em Kanneman no início da jogada.

Renato Gaúcho se desesperava no banco de reservas ao ver seus jogadores envolvidos pelos visitantes. Em ótima trama com Bruno Henrique, Gabigol voltou a marcar após aplicar um lindo drible de corpo no zagueiro - e novamente o VAR foi chamado para verificar o lance. A decisão da arbitragem foi de que o atacante rubro-negro estava milimetricamente impedido e o placar continuou zero a zero.

Se o jogo era disputado de forma dura porém leal, o pisão de Michel no tornozelo de Gerson destoou do restante das ações, e o cartão amarelo recebido pelo meio-campo gremista saiu barato.

O primeiro tempo terminou.

Na segunda etapa as coisas se equilibraram mais um pouco, e o Grêmio exigiu duas belas defesas de Diego Alves.

Mas o Flamengo continuou jogando ofensivamente, abrindo o placar em uma excepcional jogada coletiva concluída com um cruzamento primoroso de De Arrascaeta para a cabeçada certeira de Bruno Henrique.

A Arena emudeceu.

Gabigol completou uma trama envolvente de Rafinha e Willian Arão - e, por incrível que pareça, novamente o VAR anulou acertadamente a jogada. Naquela noite, não teria gol de Gabigol...

Gerson e De Arrascaeta sentiram contusões e em um lance em que Filipe Luís torceu o joelho e ficou caído em campo, o Grêmio aproveitou a ausência do lateral na zona esquerda da defesa rubro-negra e empatou com Pepê. Os gaúchos ressuscitavam na disputa.

A má notícia para os rubro-negros ao fim do jogo foi a confirmação da necessidade de De Arrascaeta operar o joelho e ficar algumas semanas ausente da equipe. Gerson e Filipe Luís também não deveriam estar presentes nos próximos compromissos pelo Brasileiro, assim como Gabigol e Rodrigo Caio, convocados pela Seleção. Jorge Jesus teria problemas para armar sua equipe e manter a liderança.

Porém, naquela noite de quarta-feira, quem teve a oportunidade de ver o jogo encantou-se com a exibição do Flamengo.

Para Cosme Rímoli, do portal R7, o jogo fora empolgante mas extremamente injusto para o Flamengo, que mostrara um futebol digno de um campeão da Libertadores.

Renato Maurício Prado afirmava que Jorge Jesus batizara Renato na Arena, que o um a um fora infiel ao visto em campo e que Jesus dera uma aula ao seu oponente - além de confirmar a superioridade técnica rubro-negra, também ressaltada pelo cronista Rodrigo Mattos.

Em três semanas haveria a definição do confronto, no Rio de Janeiro.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís (Renê), Willian Arão, Gerson (Piris da Motta), De Arrascaeta, Everton Ribeiro, Gabigol e Bruno Henrique (Vitinho). Técnico: Jorge Jesus

Grêmio: Paulo Victor, Rafael Galhardo, David Braz, Kannemann, Bruno Cortez, Michel (Maicon), Matheus

Henrique, Luan, Alisson (Pepê), Everton e Diego Tardelli (André). Técnico: Renato Gaúcho.

Gol do Flamengo: Bruno Henrique

Chapecoense 0 x 1 Flamengo, 06/10/2019

A cena mais comentada da vitória magra do Flamengo sobre a Chapecoense apenas quatro dias após a primeira batalha das semifinais da Libertadores não foi a dúvida quanto ao posicionamento de Bruno Henrique no único gol do jogo, mas a bronca pública dada por Jorge Jesus em Reinier tão logo o juiz apitou o fim da partida.

Na falta de notícia negativa de um time que insistia em continuar sua trajetória vencedora independente dos vários desfalques, boa parte da mídia achou um disparate o treinador advertir seu jogador em frente às câmeras de TV - os comentaristas afirmavam que o momento certo para a cobrança deveria se dar ou no banco de reservas logo após Reinier ter sido substituído, ou na segurança dos vestiários.

Jogadores mais experientes que haviam jogado na Europa não se deixavam contaminar por tais questões. Isso ficava muito claro no "Especial Jorge Jesus" publicado na internet pelo canal português "A Bola", no qual diversos atletas e ex-atletas, como Aimar, Saviola, David Luiz, Ramires, Jonas e Arthur davam depoimentos dizendo o

quanto o treinador havia sido fundamental para a sua evolução e para os jogadores que se tornaram. Em especial, o zagueiro Pablo Marí afirmava que "Jorge Jesus havia mudado a sua vida em três meses - temos um grandíssimo técnico". Os comentaristas que participavam do especial apontavam a extrema sabedoria de Jorge para cobrar o desempenho de seus comandados e de saber a hora de fazer afagos e a de defender os atletas - como o sensível momento de sua chegada em que ele tomou à frente das discussões com torcedores que haviam ido ao aeroporto para reclamar da equipe.

Um aspecto lembrado pelos jornalistas portugueses foi o uso ou não dos "mind games", os jogos mentais que notabilizaram Jesus em suas temporadas europeias e que poderiam causar problemas no Brasil - mas todos concordavam que o técnico fora inteligente ao não cair nas armadilhas de Renato Gaúcho, que o provocara a mostrar sua competência em termos de títulos expressivos. Também se mostravam surpresos com o fato dos críticos brasileiros terem, em três meses, brindado o luso com elogios que nunca haviam sido ditos em sua terra natal.

A atuação em Chapecó não foi brilhante - porém, o Flamengo exerceu controle total do jogo. De Arrascaeta fazia falta e sua longa ausência dos gramados certamente preocupava o treinador. O faro de artilheiro de Gabigol também estaria de fora das duas próximas partidas e Jesus precisaria insuflar craques como Vitinho a renderem mais do que vinham fazendo caso desejasse seguir à frente do Brasileiro.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Renê, Willian Arão, Gerson, Reinier (Berrío) (Lucas Silva), Everton Ribeiro, Vitinho (Piris da Motta) e Bruno Henrique. Técnico: Jorge Jesus

Chapecoense: Tiepo, Bryan, Douglas, Rafael Pereira, Roberto, Elicarlos, Márcio Araújo, Campanharo (Vini Locatelli), Régis (Arthur Gomes), Everaldo e Renato Kayser (Camilo). Técnico: Marquinhos Santos

Gol do Flamengo: Bruno Henrique

Flamengo 3 x 1 Atlético Mineiro, 10/10/2019

Quando Jorge Jesus assumiu o comando do Flamengo, a diferença de pontos entre o rubro-negro (à época em segundo lugar na tabela de classificação) e o Palmeiras era de oito pontos a favor dos paulistas. Ao fim da vigésima-segunda rodada do Brasileiro, a diferença tornara-se de oito pontos favorável aos cariocas.

O time havia tirado dezesseis pontos em relação a seu mais forte concorrente - e o melhor de tudo: praticando um futebol admirável.

Em Portugal, não havia fuso horário que impedisse a crônica esportiva lusitana de acompanhar os jogos do Flamengo e de manter o clube em evidência no noticiário.

A Seleção Brasileira desfalcara a equipe de Rodrigo Caio e de Gabigol, viajara até Cingapura e na mesma quinta-feira da partida contra o Atlético Mineiro apenas empatara contra o Senegal. E Tite não colocara qualquer um dos dois comandados de Jorge Jesus em campo.

O técnico rubro-negro evitava a provocação do jornalista que o perguntara a respeito do assunto na

entrevista coletiva após a vitória categórica por três a um sobre o Atlético. Estaria ele pronto a assumir a Seleção? Jorge não descartou nem abraçou a possibilidade, afirmando que todo treinador se sente orgulhoso ao ter seus atletas convocados, e que fazia parte de sua rotina achar soluções para as diversas situações que se apresentam no dia-a-dia.

Willian Arão mostrava-se uma das grandes metamorfoses operadas pelo português em seus cem dias de Brasil: de um segundo volante perseguido pela torcida transformara-se no melhor primeiro volante atuando no País, combinando excelente toque de bola, disposição e uma inteligência tática notável. Achara seu companheiro ideal em Gerson e era o primeiro a dar combate para a retomada de bola quando o adversário tentava sair para o jogo.

Além disso fazia muitos gols, como o primeiro da vitória contra os mineiros.

Apesar dos cerca de setenta por cento de toque de bola na etapa inicial, o Flamengo levou o empate no início do segundo tempo quando uma puxada de contra-ataque comandada por Vitinho deu errado - e Nathan fez e concluiu uma ótima jogada pelo meio da defesa rubro-negra.

O time mostrou mais uma vez que não se abalava com os contratempos e pouco tempo depois já estava novamente em vantagem, em um lindo lance de Vitinho pela ponta-esquerda. Os jogadores abraçaram o autor do gol e pediram apoio à torcida que ensaiara algumas vaias ao atacante após a jogada do gol atleticano.

Pois Vitinho pareceu ter entendido o recado e fez a assistência para o garoto Reinier fechar o placar e decretar a vitória rubro-negra por três a um.

Um Flamengo admirável, em perfeita sintonia com a Nação: jogando ofensivamente e ganhando seus jogos, independente do adversário e do mando de campo.

Uma equipe com aura de campeã.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rhodolfo, Pablo Marí, Renê, Willian Arão, Gerson, Everton Ribeiro, Reinier (Vinícius Souza), Bruno Henrique e Vitinho (Lucas Silva). Técnico: Jorge Jesus

Atlético Mineiro: Wilson, Patric, Igor Rabello, Léo Silva, Maidana, Fábio Santos, Elias (Bruninho), Nathan,

Cazares (Di Santo), Vinícius e Ricardo Oliveira (Marquinhos).

Técnico: Rodrigo Santana

Gols do Flamengo: Willian Arão, Vitinho e Reinier

Athletico 0 x 2 Flamengo, 13/10/2019

Há quarenta e cinco anos o Flamengo não vencia o Athletico Paranaense em Curitiba, desde a época em que Zico comandava o ataque do rubro-negro carioca.

O tabu enfim terminou na tarde daquele domingo, treze de outubro.

O programa "Posse de Bola" estreara no canal de internet do UOL e revivia uma mesa-redonda que fizera sucesso na ESPN Brasil e fora desfeita há pouco com a extinção dos contratos de Arnaldo Ribeiro, Juca Kfouri e Eduardo Tironi com a emissora. Os três e o incansável Mauro Cezar Pereira resolveram voltar a se reunir em outro veículo e a audiência cativa passou a ter uma nova oportunidade de vê-los em ação, com a inteligência de sempre.

Na edição do pós-jogo entre rubro-negros, Mauro participou diretamente de Manchester (onde se encontrava para cobrir a Premier League) e a mesa ganhou como convidado Antônio Tabet, artista multi-facetado e que atuara como vice-presidente de Comunicação na gestão anterior do Flamengo. O primeiro módulo do programa foi dedicado ao Flamengo e à sua confortável situação no Campeonato

Brasileiro, e embora todos concordassem que havia ainda muitos jogos pela frente, o nível técnico dos flamenguistas fazia a missão dos adversários de derrotá-los parecer impossível.

Tabet e Juca comentavam a agonia que fora acompanhar jogos como Palmeiras x Botafogo, Brasil x Nigéria e Cruzeiro x Chapecoense, todos péssimos, sendo que a exceção da rodada fora Athletico x Flamengo. Um jogo à europeia.

Mesmo desfalcado o Flamengo resolveu ir para cima do Furacão na Arena da Baixada, contrariando o que a grande maioria dos clubes faz quando visita os curitibanos. O confronto se tornou aberto e veloz, com ambos os times buscando o gol de forma frenética.

O pênalti em Lucas Silva poderia ter dado outra cara ao jogo, mas o árbitro - após marcar corretamente a infração -, voltou atrás ao ser chamado pela equipe do VAR.

No fim do primeiro tempo, uma blitz dos jogadores cariocas em cima da saída de bola do goleiro atleticano gerou o primeiro gol, de Bruno Henrique. Sinal de que a ausência do titular Santos, também passeando em

Cingapura sem participar dos jogos da Seleção, era uma aberração, assim como as de Gabigol e Rodrigo Caio.

O ponto negativo do primeiro tempo foi a fratura na face de Rafinha, substituído no intervalo e novo fator de preocupação para a sequência do Brasileiro e da Libertadores. Jorge Jesus perdia mais um titular inquestionável e se irritava aquilo que em suas palavras ele dizia ser um adversário para o qual ele não estava preparado a enfrentar: a arbitragem.

A mudança na defesa fez o Athletico crescer e Jorge teve de fazer várias alterações de jogadores e de táticas para minimizar a supremacia que Rony passou a exercer. Diego Alves fez uma partida espetacular e salvou o time em diversas ocasiões.

A arbitragem continuou a fazer das suas e distribuiu inexplicáveis cartões amarelos a Vitinho, Bruno Henrique e Everton Ribeiro - esses dois últimos não poderiam enfrentar o Fortaleza, suspensos automaticamente que estavam.

No fim da partida, uma jogada maravilhosa que começou com um toque de calcanhar de Everton Ribeiro e que foi concluída com o gol de letra de Bruno Henrique

pareceu vingar os dois injustiçados e mostrar ao mundo de futebol que o momento do Flamengo era realmente especial.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha (João Lucas), Rhodolfo (Thuler), Pablo Marí, Renê, Willian Arão, Gerson, Everton Ribeiro, Vitinho, Lucas Silva (Piris da Motta) e Bruno Henrique. Técnico: Jorge Jesus

Athletico: Léo, Madson, Thiago Heleno, Léo Pereira, Márcio Azevedo (Adriano), Lucho González (Marco Ruben), Wellington, Léo Cittadini, Thonny Anderson, Rony e Marcelo Cirino (Everton). Técnico: Tiago Nunes.

Gols do Flamengo: Bruno Henrique (2)

Fortaleza 1 x 2 Flamengo, 16/10/2019

O Flamengo fincou posição e peitou a CBF: não cederia o garoto Reinier para a disputa do Mundial Sub-17 já que os vários desfalques prejudicavam a montagem do time por Jorge Jesus. A queda de braço só foi totalmente vencida na quarta-feira, dia do jogo contra o Fortaleza, com a liberação do jogador pelo STJD.

Gabigol e Rodrigo Caio viajaram desde Cingapura até a capital cearense para a partida contra o Leão. Na véspera do jogo, o clube abriu as portas do treinamento da equipe no estádio Presidente Vargas, aproximando a torcida cearense dos jogadores rubro-negros.

O clima era de festa e confiança - mas para escalar os titulares Jesus tinha dificuldades: estavam contundidos Rafinha, Filipe Luís, De Arrascaeta, Diego e Berrío. Suspensos por cartão amarelo? Everton Ribeiro e Bruno Henrique. Em resumo, o treinador não poderia contar com cinco titulares absolutos.

Com menos de quinze minutos a situação se complicou ainda mais com a contusão muscular de Lucas

Silva, obrigando Jorge Jesus a queimar sua primeira substituição e fazer entrar o volante Piris da Motta.

Vitinho quase abriu o placar aos vinte e três minutos, mas Felipe Alves fez a defesa. Naquela altura Diego Alves já havia parado um belo chute de Bonilha e evitado o primeiro gol da partida.

Na saída para o intervalo, o Flamengo tinha mais de setenta por cento de posse de bola mas um número quase igual ao dos cearenses em termos de finalizações e de escanteios. O time apresentava muita dificuldade em manter o nível habitual sem os titulares das posições.

A volta dos vestiários anunciava mais complicações: Gerson dava lugar a Vítor Gabriel e ficava difícil pensar como onze jogadores sem entrosamento, apenas na base da disposição, poderiam buscar um resultado favorável no Castelão.

Tecnicamente falando, o segundo tempo era pouco brilhante e sem emoções, até que uma bola bateu no braço de Pablo Marí e o árbitro marcou pênalti para o Fortaleza. Bruno Melo cobrou e colocou os donos da casa em vantagem.

Acompanhando a narração do jogo pela Super Rádio Tupi era visível o desconsolo de Washington Rodrigues ao lado de seu fiel parceiro José Carlos Araújo. O Flamengo parecia sem condições de mudar o resultado.

Porém, após uma sucessão de escanteios na área do Fortaleza, o juiz foi chamado pelos assistentes do VAR para conferir um possível toque de mão de Quintero depois da cabeçada de Rodrigo Caio.

Pênalti marcado!

Gabigol, artilheiro do Flamengo ainda sofrendo os efeitos do fuso horário, converteu e deixou tudo igual.

O resultado já estava de bom tamanho frente à saga rubro-negra para o combate.

Só que Reinier não havia sido objeto da discussão com a CBF por mero acaso.

Aos quarenta e três minutos, em uma jogada ensaiada, o meia cabeceou no ângulo uma bola escorada por Vítor Gabriel e decretou a vitória flamenguista.

Na entrevista coletiva, Jorge Jesus não entendia as perguntas dos repórteres que desejavam saber se o

treinador iria poupar jogadores contra o Fluminense para evitar um possível cansaço dos atletas:

“O Flamengo comigo não faz... faz rotatividade, mas não faz aquilo que vocês chamam... põem o time de reservas a jogar. Isso não existe. Não existe comigo nem com outro treinador na Europa. Para a gente é impossível! Minha cultura de treinador não é essa. E eu provo domingo a domingo - não sou eu que provo, mas os jogadores do Flamengo é que provam. O que é isso de descansar? Descansar? Isso não existe... Descansar (n)os dias que a gente tem até domingo - quinta, sexta, sábado para descansar. Domingo é para correr!”.

Nas palavras de Jesus, o Flamengo apresentava "estrelinha de campeão".

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, João Lucas (Rodinei), Rodrigo Caio, Pablo Marí, Renê, Willian Arão, Gerson (Vítor Gabriel), Reinier, Vitinho, Lucas Silva (Piris da Motta) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Fortaleza: Felipe Alves, Tinga, Paulão, Quintero, Bruno Melo, Araruna, Nenê Bonilha (Juninho), Marlon, Felipe

Pires, André Luís (Edinho) e Kieza (Osvaldo). Técnico: Rogério Ceni.

Gols do Flamengo: Gabigol e Reinier

Flamengo 2 x 0 Fluminense, 20/10/2019

Segundo Nélson Rodrigues o Fla x Flu começou quarenta minutos antes do nada. É o maior clássico do Brasil, imortalizado no hino do Flamengo composto por Lamartine Babo e que, de quebra, faz referência ao "ai, Jesus"...

Nas circunstâncias que envolviam a partida ninguém contestava que o rubro-negro tinha mais recursos, elenco e qualidade que seu tradicional rival, mas felizmente a crônica esportiva dava mostras que vencia o lugar-comum de afirmar que "com esses jogadores, é obrigação ser campeão" para reconhecer a importância de Jorge Jesus à frente da equipe. Talvez o fator mais importante para isso foi verificar que o segundo colocado na tabela, o Palmeiras, possuía uma pontuação de líder do Brasileiro dos anos anteriores - ou seja, o Flamengo é que se mostrava excepcional!

Dito de outra forma, se excluíssemos o Flamengo do campeonato o Palmeiras teria um resultado admirado por todos e, provavelmente, seu modelo de jogo seria exaltado.

Com a presença de um time que antes do início da rodada apresentava oito pontos de vantagem para os paulistas, jogava um futebol de rara habilidade e padrão tático, não escolhia competição entre o Brasileiro e a Libertadores para se dedicar e se mostrava um grupo unido e sem dar eco à tradicional resenha dos futebolistas, técnicos e jornalistas locais, todo um paradigma era posto em cheque e uma nova realidade se impunha.

O jogo em si transcorreu como as recentes exibições do Flamengo: logo aos três minutos Bruno Henrique abriu o marcador, após um domínio rubro-negro claro desde o rolar da bola. Filipe Luís, lesionado no primeiro jogo da semifinal da Libertadores contra o Grêmio, era escalado de início na lateral-esquerda, em vez de ser preservado para o jogo de volta da competição sul-americana. Se Willian Arão começara o jogo no banco, Gerson estava presente, exibindo suas invejáveis técnica e inteligência tática.

O contraste era gritante: o Fluminense mostrava-se bastante aplicado, mas ainda apoiado em conceitos tradicionais do nosso futebol, dependendo do lampejo de jogadores de muita habilidade mas que - seja pela idade ou

pelo próprio entendimento do jogo - pareciam praticar um outro esporte. No banco tricolor, um ex-ídolo sem a necessária competência para comandar uma equipe da grandeza do Fluminense. Tudo o que o Flamengo sentira em temporadas passadas e que, depois da chegada da nova administração, mudara da água para o vinho.

O segundo gol, de Gerson após arrancada coletiva fulminante, apenas selou a vitória que todos esperavam: nas últimas quatorze partidas disputadas pelo Brasileiro, o Flamengo vencera treze e empatara uma.

Três dias depois haveria o confronto decisivo contra o Grêmio.

No caso do Brasileiro, com os dez pontos abertos para o Palmeiras ao fim da rodada, o título parecia cada vez mais próximo da Gávea.

Escalações:

Flamengo*:* Diego Alves, Rodinei, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís (Renê), Piris da Motta, Gerson (Willian Arão), Everton Ribeiro, Vitinho (Reinier), Bruno Henrique e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Fluminense: Muriel, Gilberto, Nino, Frazan, Caio Henrique, Allan, Daniel, Ganso (Lucão), Wellington Nem (João Pedro), Nenê (Yuri) e Yony. Técnico: Marcão

Gols do Flamengo: Bruno Henrique e Gerson

Flamengo 5 x 0 Grêmio, 23/10/2019

O dia do assombro.

Talvez nem o mais otimista torcedor do Flamengo pudesse imaginar o atropelo que seria a partida semifinal da Libertadores da América entre aqueles dois times apontados pelo senso comum como os que jogavam melhor futebol no Brasil.

Ao fim da segunda etapa, com cinco a zero para os rubro-negros no placar, restava a certeza de que havia sido o confronto entre uma equipe de nível europeu e uma de nível local.

Melhor repetir o que alguns dos principais cronistas esportivos afirmaram, encantados com a equipe de Jorge Jesus:

Juca Kfouri: "Simplesmente histórico, simplesmente espetacular!

Agora, vem aí o River Plate, dia 23 de novembro, por enquanto, em Santiago do Chile, em jogo único.

Os argentinos em busca do pentacampeonato.

O Flamengo em busca do bi e de ressuscitar o alegre futebol brasileiro.

Se vencer a Libertadores, vai se mostrar ao mundo.

E merece tanto que o mundo o veja quanto o mundo merece vê-lo".

Mauro Cezar Pereira: "Nem nos tempos de Zico o Flamengo conseguiu uma vitória tão consagradora, marcante e categórica sobre um forte adversário. 5 a 0 contra o Grêmio. E poderia ter sido muito mais.

(...)

Um técnico que chegou há quatro meses, não poupa jogadores e, de forma impressionante, recupera seus atletas em tempo recorde. Arrascaeta, Rafinha... e Diego, presente em campo nos minutos finais.

É um time que já está na história. O Grêmio de Renato volta para Porto Alegre sem saber exatamente o que aconteceu. Aliás, nenhum de nós está entendendo direito o que aconteceu ainda. Só lá na frente poderemos compreender até onde vai esse time e o que ele pode representar no futebol brasileiro.

Que seja uma virada na forma de jogar, de encarar o futebol, o estudo, o desejo pela vitória. Que isso acabe de

vez com o domínio de técnicos covardes e retranqueiros que montam equipes apenas preocupados em não perder".

Alberto Helena Jr: "A lição que esse Flamengo de Jorge Jesus está plantando nos gramados brasileiros é inestimável. É a prova viva de que é perfeitamente possível no chamado futebol moderno, eufemismo em que se apoiam os tais pragmáticos da bola, jogar bonito, ofensivamente e colher resultados positivos. E tudo isso sem a frescura de ficar alternando escalações de uma competição e outra. Joga com o mesmo time no Brasileirão e na Copa Libertadores da América, liderando ambas.

A propósito: como essa goleada do Mengão não é nada ocasional e sim habitual, bem que Tite poderia montar sua Seleção com base no Flamengo. Basta trocar Arão por Casemiro e o uruguaio Arrascaeta por Neymar. Afinal, as grandes seleções da história sempre se apoiaram num grande clube. Só pra citar duas recentes campeãs do mundo, a Espanha do Barça e a Alemanha do Bayern.

Que tal, hein?".

Arthur Muhlemberg: "As partidas que o Flamengo jogou contra a gauchada (ambas as duas) são um belo

cartão de visita pra chegar na final da Libertadores, seja lá em que capital da Ursal ela venha a ser jogada, com muita moral. É por causa desses 10 gols que Marcelo Gallardo está até agora perplexo, catatônico em frente à TV e ninguém mais dorme no Monumental. Ficamos honrados com a admiração, o treinador argentino nem devia se envergonhar por isso. Em Liverpool, que é tão nosso freguês quanto o River, ninguém tá conseguindo dormir também".

Arnaldo Ribeiro: "O Flamengo de Jorge Jesus é um tapa na cara do futebol brasileiro como um todo. Da gente da imprensa, dos jogadores e dos treinadores, principalmente. O que ele conseguiu desmistificar nesse período... sobretudo a questão do descanso, de não poder usar os mesmos jogadores em partidas consecutivas".

Renato Maurício Prado: "Se o Flamengo mantiver o nível de suas últimas atuações tem condições de derrotar o River Plate. Um bom time argentino, mas que não demonstra, este ano, o alto nível de futebol praticado pelo rubro-negro. Se ganhar o bi da Libertadores, a revanche contra o Liverpool, adversário massacrado em 81 pelo esquadrão de Zico, no Mundial, deverá ser o próximo passo.

Mas aí já é outra história. Bem mais complicada, por sinal... Até lá, os amantes do bom futebol devem agradecer ao português Jesus e ao Flamengo o prazer de rever um jogo bonito e ofensivo que honra o melhor da nossa história nesse esporte. Como é bom ver triunfar tal estilo sobre aquela nefasta história de, antes de mais nada, 'proteger a casinha'".

O Flamengo estava a um jogo de conquistar a América.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís, Willian Arão, Gerson (Diego), Everton Ribeiro, De Arrascaeta (Piris da Motta), Bruno Henrique (Vitinho) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Grêmio: Paulo Victor, Paulo Miranda, Geromel, Kannemann, Bruno Cortez, Michel, Matheus Henrique, Maicon (Diego Tardelli), Alisson (Thaciano), Everton e André (Pepê). Técnico: Renato Gaúcho

Gols do Flamengo: Bruno Henrique, Gabigol (2), Pablo Marí e Rodrigo Caio

Flamengo 1 x 0 CSA, 27/10/2019

Uma torcida em estado de graça proporcionou o maior público do Campeonato Brasileiro até aquela rodada, 69.846 presentes, para ver o líder absoluto do torneio enfrentar um dos últimos colocados. Apesar do desgaste da partida anterior, quando a equipe derrotara o Grêmio na semifinal da Libertadores, Jorge Jesus manteve firmes seus princípios de usar força máxima a cada jogo e respeitou o público ao escalar de saída dez dos titulares contra o CSA - apenas Pablo Marí, suspenso, não entrou em campo.

Logo aos oito minutos Everton Ribeiro enfiou uma bola açucarada para De Arrascaeta e o uruguaio cortou o zagueiro com um drible desconcertante antes de abrir o placar. Tudo indicava que uma nova goleada estava em curso.

Não foi o que aconteceu.

O time alagoano não só se fechou com relativo sucesso como buscou rápidos contra-ataques explorando a velocidade de Apodi contra a marcação alta do Flamengo e por pelo menos três vezes esteve bem próximo de balançar as redes.

Foi aí que Diego Alves demonstrou a excelente fase vivida, com defesas espantosas. É errado dizer que o rubro-negro ganhou na sorte, pois mesmo sofrendo tais dificuldades o rubro-negro criou e desperdiçou diversas chances de gol.

O um a zero magro manteve a invencibilidade do time desde a derrota para o Bahia e completou o ciclo de dezenove jogos do Míster contra todos os adversários do Brasileiro. Seus números são os melhores já vividos por um treinador do Flamengo: apenas uma derrota, dois empate e dezesseis vitórias, as últimas seis consecutivas.

O time apresentava outro fato inédito: os três primeiros artilheiros da competição eram flamenguistas, Gabigol, Bruno Henrique e De Arrascaeta.

O site português lateralesquerdo.com brincava com a "Páscoa de Jorge Jesus", contendo uma tira em quadrinhos em que o Messias rubro-negro "trazia a Boa Nova, uma nova filosofia que contrariava o Velho Testamento de mandar fechar a casinha". "Ataque, ataque, ataque, pregava Jesus".

Nas palavras do autor do texto - um auto-intitulado Brian Laudrup que não era aquele dinamarquês -, "o nome

Jesus é associado a sofrimento, a penitência, a remissão dos pecados. Aquando da Páscoa – que deveria ser o feriado religioso mais importante (e já explico porquê) – o foco dos 'crentes' é na cruz e, mais uma vez, no 'morrer pelos pecados'. À (falta de) luz desta ideia, o ser humano é um pecador, um ser limitado e cheio de falhas que, neste planeta, nada mais tem a fazer do que esperar pela morte para que, noutro lado qualquer, Deus lhe possa dar salvação.

Ora, pelo contrário, a Páscoa e o nome de Jesus (Cristo), devem ser associados a ressurreição e transcendência. Assim, ao invés de nos focarmos no Jesus crucificado, a metáfora da sua vida deve ser feita a partir do Jesus ressuscitado. E que tem isto a ver com Jorge Jesus e o Flamengo?

Se imaginarmos os 4 lados da cruz como o corpo de identidade, o corpo mental, o corpo emocional e o corpo físico, vemos que o futebol do Brasil está crucificado, pregado a ideias velhas e rudimentares que lembram (pela sua intransigência à inovação) as dos fariseus que crucificaram Jesus – esperando que a sua morte física

impedisse o salto quântico que as suas ideias trouxeram. E a nova identidade que Jorge Jesus trouxe à Nação é em tudo semelhante à ressurreição que é a lição de Cristo. E Cristo está, constantemente a abanar o status quo, constantemente a renascer e a reinventar-se. E nesse aspecto, Jorge tem o nome perfeito para chamar a atenção a um dos seus melhores aspectos: a capacidade de inventar planos e sistemas que, na realidade brasileira, são acima do que havia antes. E por isso esta BD é tão feliz, como a passagem de JJ pelo ninho do Urubu. E, sem clubismo (porque Jesus é de todos os que o aceitam), quão felizes deveriam estar todos os portugueses, numa altura em um dos nossos prova (mais uma vez) que podemos transcender em toda e qualquer parte do Mundo? A mim deixa-me especialmente feliz, porque me servirá de exemplo e me dará coragem para abanar, sempre, o status quo e nunca deixar a ideia morrer nas areias movediças do mesmo. Queremos mais do mesmo ou mais que o mesmo? A pequena diferença nestas duas orações definirá se estagnamos ou crescemos".

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Thuler, Filipe Luís, Willian Arão, Gerson, Everton Ribeiro (Reinier), De Arrascaeta (Vitinho), Bruno Henrique e Gabigol (Vinícius). Técnico: Jorge Jesus

CSA: João Carlos, Celsinho, Alan Costa, Luciano Castán, Carlinhos (Alecsandro), Dawhan, Nilton (Jean Cléber), Jonatan Gómez (Euller), Apodi, Warley e Ricardo Bueno. Técnico: Argel Fucks

Gol do Flamengo: De Arrascaeta

Goiás 2 x 2 Flamengo, 31/10/2019

Serra Dourada dividido, ingressos caros e a diferença para o Palmeiras reduzida para sete pontos com a vitória do time de Mano Menezes sobre o São Paulo, na véspera.

Jorge Jesus resolveu descansar Rafinha e Gerson, além de Diego Alves que havia torcido o joelho. Ainda assim, a confiança da torcida era de que o rubro-negro não teria grandes dificuldades para vencer o Goiás na casa do adversário.

Pablo Marí acertou a trave, o domínio de bola era dos cariocas mas... algo parecia não funcionar. O primeiro tempo mostrava um time com dificuldades de chegar ao gol e que parecia não estar em um dos seus dias de maior inspiração.

Durante a semana a Conmebol vivera momentos de tensão em decorrência das manifestações populares contra o governo no Chile, o que poderia provocar alterações na grande finalíssima da Libertadores prevista para o dia 23 de novembro. Duas dezenas de cidadãos mortos nos confrontos com as forças armadas, o recuo do presidente em aumentos de tarifas e a demissão de ministros de Estado forneciam o caldo social para o cancelamento de reuniões políticas com

políticos estrangeiros. Apesar disso, a confederação sul-americana insistia em manter a partida em Santiago.

Aos nove minutos, finalmente Gabigol abriu o placar aproveitando o rebote do goleiro em uma cabeçada de Rodrigo Caio.

Oito minutos depois, Rodrigo Caio ampliava a contagem - tudo parecia se encaminhar para uma nova vitória rubro-negra.

O Míster resolveu substituir alguns titulares para descansá-los - De Arrascaeta deu lugar a Gerson e Everton Ribeiro saiu para a entrada de Vitinho.

Foi então que a coisa começou a desandar.

Rafael Moura, o He-Man, manteve seu histórico de balançar as redes rubro-negras e diminuiu.

Aos trinta e três e aos trinta e cinco minutos o Goiás quase empatou, primeiro com Michael, depois com Rafael Vaz.

César resolveu esfriar o jogo e levou cartão amarelo.

Aos quarenta do segundo tempo, César entrou feio em Yago Felipe e foi expulso, obrigando Jorge Jesus a retirar Vitinho e lançar o terceiro-goleiro, Gabriel Batista.

O juiz apontou sete minutos de acréscimo.

Gabigol entrou na provocação adversária e levou cartão amarelo, sendo suspenso da partida seguinte contra o Corinthians.

E após muita pressão, Michael empatou o jogo aos quarenta e nove minutos.

Pela primeira vez depois de muito tempo a vantagem entre Flamengo e Palmeiras diminuía em dois pontos.

Escalações:

Flamengo: César (cartão vermelho), Rodinei, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís, Piris da Mota, Willian Arão, Everton Ribeiro (Vitinho, depois Gabriel Batista), De Arrascaeta (Gerson), Bruno Henrique e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Goiás: Tadeu, Yago Rocha (Breno), Rafael Vaz, Fábio Sanches (Jefferson Júnior), Alan Ruschel, Gilberto Júnior, Yago Felipe, Léo Sena (Thalles Gabriel), Leandro Barcia, Rafael Moura e Michael. Técnico: Ney Franco

Gols do Flamengo: Gabigol e Rodrigo Caio

Flamengo 4 x 1 Corinthians, 03/11/2019

Quando Bruno Henrique fez seu terceiro gol antes do primeiro minuto do segundo tempo, Casagrande comentou que Fábio Carille havia dito um absurdo poucos dias atrás, ao afirmar que o que Jorge Jesus fazia no Flamengo não era diferente do seu jeito de comandar o Corinthians e que o sucesso rubro-negro devia-se quase que exclusivamente à qualidade dos seus jogadores. O comentarista da TV Globo pedia para que os treinadores brasileiros parassem de resistir ao trabalho do Míster e, em vez disso, o estudassem para que mais equipes nacionais jogassem à sua maneira no ano seguinte.

O Flamengo dominou a primeira etapa como sempre, mas os paulistas haviam finalizado mais a gol durante boa parte do jogo. O time da casa parecia sentir a falta do suspenso Gabigol, com Bruno Henrique tendo dificuldades de jogar no comando do ataque.

Foi apenas aos quarenta e quatro minutos que De Arrascaeta se adiantou em uma disputa de bola com o goleiro Cássio e sofreu pênalti ao ser tocado por ele. Bruno

Henrique cobrou e Cássio fez uma bela defesa - mas para seu azar a bola foi rebatida para o meio da área e o atacante flamenguista, rápido como sempre, completou para as redes.

Um minuto depois, a genialidade de Gerson se fez notar: em uma jogada difícil no meio-de-campo, o armador deu uma meia-lua no adversário e enfiou uma bola magistral para Bruno Henrique empurrar para as redes na saída de Cássio. Dois a zero.

Com o terceiro gol saindo logo no início da etapa final, parecia que o jogo estava ganho. Foi quando o Corinthians quis demonstrar que Carille podia ter alguma razão e adiantou a sua marcação. Mateus Vital descontou de cabeça e os paulistas reclamaram de uma bola que bateu no braço de Everton Ribeiro dentro da área - um segundo gol àquela altura poderia ter tornado as coisas mais duras para o Flamengo.

Só que Vitinho - que havia entrado no lugar de Reinier - resolveu justificar a confiança do Míster em sua capacidade. Um chute forte de canhota, da entrada da área,

abriu caminho para a goleada. Quatro a um e um domínio absoluto.

A torcida enlouqueceu, pediu a entrada de Diego e foi atendida.

Rafinha levou uma pancada próxima ao local de sua fratura não consolidada e Jorge Jesus achou mais prudente retirá-lo da partida, o que gerou um descontentamento público do lateral.

Ao fim do jogo o Maracanão realizou a costumeira saudação ao melhor técnico em atividade no Brasil.

Faltavam oito jogos para o fim do torneio. Oito pontos separavam o Flamengo do Palmeiras.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha (Rodinei), Rodrigo Caio, Pablo Marí, Renê, Willian Arão, Gerson, Everton Ribeiro, De Arrascaeta (Diego), Reinier (Vitinho) e Bruno Henrique. Técnico: Jorge Jesus

Corinthians: Cássio (Caíque), Fágner (Michel), Gil, Bruno Mendéz, Carlos, Ralf, Júnior Urso, Ramiro (Janderson), Pedrinho, Mateus Vital e Gustavo. Técnico: Fábio Carille

Gols do Flamengo: Bruno Henrique (3) e Vitinho

Botafogo 0 x 1 Flamengo, 07/11/2019

Mano Menezes, técnico do segundo colocado no Campeonato Brasileiro, sentira-se acuado e fora infeliz em uma entrevista ao sugerir que os jornalistas nacionais deveriam ouvir seus correspondentes portugueses a respeito da qualificação dos treinadores.

A Folha de São Paulo buscou então as opiniões dos colaboradores Mathias Alencastro e Ricardo Araújo Pereira.

Mathias sustenta que Jesus é a antítese do sofisticado José Mourinho. "Com sua crista prateada e seu jeito de taxista da Baixa lisboeta, Jesus destoa do universo do cada vez mais formatado e regulamentado do futebol mundial". Segundo Alencastro, o Míster é sucessor de Marcelo Bielsa, pouco preocupado com a imagem pública e obsessivamente dedicado ao jogo.

Carrega fama de azarado mas é reverenciado por seu jeito português e pelo futebol dos clubes que comanda. "Mourinho é o vencedor mal-amado, enquanto Jesus é o derrotado azarado".

Mathias encerra sua crônica afirmando que "os grandes portugueses só realizam o seu destino quando

desembarcam no Atlântico Sul. Chegou a hora de Jesus viver a sua Grande Noite".

Já Ricardo abre sua coluna dizendo que "quando, em julho deste ano, o meu amigo carioca e flamenguista Francisco Bosco me perguntou o que eu achava da contratação de Jorge Jesus, disse: em três anos, vocês serão campeões três vezes, vencerão pelo menos uma Libertadores e vão jogar o melhor futebol desde o Zico".

Proféticas palavras.

"Quando, em 2009, Jorge Jesus chegou ao maior clube do mundo (o Benfica, para os distraídos), era já um técnico de 55 anos e tinha uma boca muito maior do que o currículo. Embora tivesse treinado apenas times de menor dimensão, tinha uma confiança nas suas capacidades que chegava a ser cómica" - a grafia é portuguesa.

Prossegue Ricardo:

"Na primeira coletiva, disse: 'Comigo, estes jogadores vão passar a jogar o dobro'. Ninguém achou que ele cumpriria a promessa - e não cumpriu: os jogadores passaram a jogar o quádruplo. Nos quatro anos anteriores à chegada de Jesus, o Benfica tinha ficado três vezes em

terceiro e uma em quarto - registo paupérrimo para o maior clube português, com o maior número de torcedores e mais campeonatos nacionais conquistados".

"No primeiro ano, Jesus foi campeão ligando aquilo que ficou conhecido como o 'rolo compressor'. Num jogo no Estádio da Luz, a casa do Benfica, o adversário era o Vitória de Setúbal. Jesus tinha má relação com o treinador adversário (o que não é raro) e, antes do jogo, anunciou aos jogadores: "O objetivo é 10 a 0". Ao intervalo estava 5 a 0. Os jogadores recolhem ao vestiário e Jesus grita: 'É para continuar. Quem tirar o pé não joga!'. A poucos minutos do fim, quando estava 8 a 0, os visitantes aproveitaram um desentendimento entre David Luiz e o goleiro e reduziram".

"Dizem que, no fim do jogo, pela primeira vez na história do futebol os jogadores de um time que tinha ganho por 8 a 1 estavam meio tristes. Nos seis anos de Jesus, o Benfica foi campeão três vezes e o pior que fez foi ficar em segundo. Além disso, foi bicampeão nacional pela primeira vez em 20 anos e foi a duas finais europeias consecutivas pela primeira vez em mais de 50. No total, ganhou 10 títulos".

Conclui Araújo:

"Sempre que chega a um novo time, a primeira coisa que Jesus faz é perguntar ao elenco: 'Em 90 minutos de jogo, sabem quanto tempo, em média, é que cada um de vocês tem a bola nos pés? Um minuto e meio. Eu vou ensinar-vos o que fazer nos outros 88 minutos e meio.'"

Quanto ao jogo contra o Botafogo? Bem, o Flamengo sofreu até os quarenta e três minutos da etapa final - quando Lincoln, colocado em campo por Jesus em substituição a Vitinho, escorou um cruzamento de Bruno Henrique para manter a distância para o Palmeiras na liderança do torneio.

Na entrevista após a partida Jesus reclamou da violência dos jogadores alvinegros, que teriam caçado os flamenguistas em campo. Alberto Valentim, técnico do Botafogo, respondeu com rispidez:

“Jorge Jesus falou uma grande bobagem, coitadinho dele. Ele deveria ter deixado a boquinha dele calada. Falou uma bobagem, coitadinho dele. Ninguém veio aqui caçar ninguém. Que termo ele acha que veio usar aqui no Brasil?”.

Uma demonstração clara da xenofobia que começava a tomar a categoria frente aos resultados do português.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Renê, Willian Arão, Gerson (Lucas Silva), Everton Ribeiro, Vitinho (Lincoln), Gabigol (Piris da Motta) e Bruno Henrique. Técnico: Jorge Jesus

Botafogo: Gatito Fernández, Fernando, Joel Carli, Gabriel, Yuri, Cícero, Alex Santan (Jean), João Paulo, Leonardo Valencia (Luca Barros), Luiz Fernando e Igor Cássio (Victor Rangel). Técnico: Alberto Valentim

Gol do Flamengo: Lincoln

Flamengo 3 x 1 Bahia, 10/11/2019

Filipe Luís foi perfeito ao responder a seu entrevistador, comentando a respeito de Jorge Jesus:

"Ele sabe tirar o melhor rendimento de cada jogador. Às vezes, o técnico quer fazer as coisas só da maneira dele e não consegue com o plantel que possui. Um bom técnico faz um time ser campeão. Não é porque ele é europeu que é superior. Ele é bom. Muitos treinadores da Europa poderiam não dar certo aqui. Ele tem a maneira de falar que todos percebem que é explosiva, mas ele corrige os erros. Para o Flamengo, ele é ideal."

O Palmeiras apenas empatara com o Corinthians na véspera da partida do Flamengo contra o Bahia e o time, jogando diante de sua torcida, tinha a possibilidade de abrir novamente dez pontos de frente para o seu principal rival.

Jorge Jesus, suspenso pelo terceiro cartão amarelo, era substituído no banco de reservas por seu fiel auxiliar João de Deus.

Roger Machado, treinador dos baianos, sabia que se esperasse o Flamengo apenas na defesa teria pouquíssimas chances de sair do Rio com um bom resultado - e na medida

do possível buscou agredir os rubro-negros, ainda que na maioria das vezes em contra-ataques.

O Flamengo já dominava as ações do jogo quando uma sequência de infelicidades resultou em um gol contra de Willian Arão.

O último time a vencer os cariocas ameaçava interromper sua longa invencibilidade.

No intervalo a mão da comissão técnica se fez sentir: Vitinho deu lugar a Reinier e um novo posicionamento dos atacantes Bruno Henrique e Gabigol começou a ser testado.

A intensidade do jogo flamenguista era impressionante.

E foi em um cruzamento de primeira, com a perna direita, que Gabigol pôs a bola na cabeça de Reinier, que concluiu fulminando o goleiro Douglas: empate e delírio dos torcedores.

A virada era questão de tempo.

Novamente caindo pela direita Gabigol se infiltrou na área e recebeu um passe açucarado de Filipe Luís; em vez de ser fominha, tocou para Bruno Henrique fazer o seu gol.

O Maracanã explodiu e os primeiros gritos de "é campeão!" começaram a ser ouvidos.

Ainda havia mais.

Willian Arão bateu uma falta quase perfeita, a bola tocou no travessão e Gabigol aproveitou o rebote para fechar o placar e se igualar a Zico como o maior artilheiro de uma edição do Campeonato Brasileiro.

Em breve o time embarcaria para Lima em busca da conquista da América.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rodinei, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís, Willian Arão, Gerson (Piris da Motta), Everton Ribeiro, Vitinho (Reinier), Gabigol e Bruno Henrique (Diego). Técnico: João de Deus

Bahia: Douglas, Nino Paraíba, Lucas Fonseca, Juninho, Moisés, Flávio, Gregore, Flávio, João Pedro, Artur, Élber (Rogério) e Gilberto (Arthur Caíke). Técnico: Roger Machado

Gols do Flamengo: Reinier, Bruno Henrique e Gabigol

Flamengo 4 x 4 Vasco, 13/11/2019

Antes do jogo contra o Vasco, antecipado da trigésima-quarta rodada porque o Flamengo enfrentaria o River Plate pela decisão da Libertadores, diversos analistas se puseram a fazer cálculos que previam a possibilidade do rubro-negro ser declarado campeão brasileiro antes do confronto com os argentinos; para isso, bastaria vencer os duelos contra Vasco e Grêmio e torcer por empate ou derrota do Palmeiras contra o Bahia.

Dizem que Vanderlei Luxemburgo se dedicou especialmente à preparação para o jogo contra o Flamengo, mais para mostrar seu valor à crônica esportiva que comparava seu trabalho com o de Jorge Jesus que necessariamente para melhorar a posição cruzmaltina na tabela.

Quando os times vieram a campo, o Flamengo formava com dez de seus onze titulares indiscutíveis - apenas De Arrascaeta começaria no banco, já que ainda se recuperava de uma contusão no joelho. O Vasco, por sua vez, parecia entrar com quatro volantes em seu meio-de-

campo, sugerindo que faria uma ferrenha retranca para tentar a sorte em contragolpes.

Com menos de quarenta segundos de partida os rubro-negros já estavam em vantagem; o jovem Reinier, substituto de De Arrascaeta, fez uma jogada espetacular, entrou driblando área adentro e cruzou para a conclusão de Everton Ribeiro. Tudo muito intenso. Tudo fazendo parecer que uma goleada histórica poderia estar em curso.

Ledo engano.

O Vasco passou a mandar no jogo, demonstrando uma aplicação incrível e tendo em Pikachu, Marrony e Rossi seus principais comandantes.

Os flamenguistas não faziam uma boa partida, errando muito individual e coletivamente, e em uma arrancada pela esquerda Marrony empatou as coisas, na parte final do primeiro tempo.

Pior: poucos minutos depois, Pikachu fez ótimo lance pela ponta-direita, sofreu pênalti e o converteu, virando o marcador.

A pequena torcida vascaína presente ao Maracanã delirava.

No último ataque rubro-negro da primeira etapa, Gabigol cobrou uma falta para Rafinha que cruzou rasteiro - a bola desviou em um adversário e morreu no fundo das redes.

Menos mal que a equipe empatara ainda nos quarenta e cinco minutos iniciais (na comemoração, Rafinha imitou o célebre deboche de Edmundo ao golear o Flamengo cerca de vinte anos atrás, tirando um sarro do hoje comentarista da Fox que dissera que o lateral era do mesmo nível dos outros existentes na Gávea à época de sua contratação).

Pois o segundo tempo reservava novas emoções.

De Arrascaeta voltou no lugar de Reinier, o Míster não parava de se movimentar à beira do campo e ficou mais irritado quando o Vasco ficou de novo à frente em outra falha coletiva de marcação.

Parecia que o fim da invencibilidade rubro-negra enfim viria naquela noite.

Foi aí que Bruno Henrique decidiu jogar.

Arrancando do meio-de-campo, fez uma ligação com De Arrascaeta, recebeu o passe de volta e bateu com força para promover um novo empate.

Em seguida, chutou forte e com direção de dentro da grande área e só não saiu para celebrar nova vantagem do Flamengo porque a bola desviou no zagueiro vascaíno.

Vitinho entrou em campo substituindo um Gerson que jogava bem abaixo de suas potencialidades e fazia muitas faltas - havia recebido um cartão amarelo.

No primeiro lance do atacante, Vitinho driblou dois adversários e cruzou a bola na área - Gabigol raspou de cabeça e Bruno Henrique pegou de primeira, de canhota, para fazer um lindo gol que poderia ter matado o jogo.

Não foi o que ocorreu.

Ribamar, que entrara há pouco e já obrigara Diego Alves a fazer uma grande defesa minutos antes, escorou de cabeça nos últimos momentos do jogo e decretou o empate final: Flamengo quatro, Vasco quatro.

Após o apito do juiz, uma grande confusão entre jogadores se estabeleceu no gramado - com direito a uma inaceitável agressão de um funcionário vascaíno a Gabigol.

Os mesmos analistas que faziam contas para sagrar o Flamengo campeão antecipado agora buscavam cálculos

que demostravam o perigo do time perder sua força justamente na reta final do Brasileiro.

Nas páginas do site "República Paz e Amor" Arthur Muhlemberg resumia com seu costumeiro bom-humor o belo jogo que todos haviam visto:

"Fora o resultado anômalo, foi um grande espetáculo, um verdadeiro clássico, um banquete sensorial com generoso cardápio das mais vastas emoções. Uma das coisas mais legais do jogo foi que os oito gols puderam ser comemorados e lamentados na hora em que aconteceram, em tempo real. Não precisaram de confirmação do VAR. Um luxo raro nesses tempos em que até o grito de gol tem que ficar entalado nas gargantas.

O torcedor da vasca há de estar orgulhoso pra cacete. Não pelo empate com o melhor time do campeonato, que pra quem tá ainda perto demais da confusão um mísero ponto é de pouca serventia. Mas porque é muito legal quando a camisa do nosso time anula diferenças técnicas e conquista um resultado. Inegável que isso os filhos da bigoda conseguiram.

Hoje estamos ricos, mas lembramos bem do tempo da miséria. Quantas e quantas vezes os rubro-negros sentiram o mesmo orgulho naqueles anos de chumbo do Menguinho Pocotó. Ganhamos muitos jogos, e alguns campeonatos, só no peso atômico do Manto. Jogadores vão e vem, timaços se formam e se desmancham, a camisa fica. A camisa é tudo, é ela que nos define como torcedores.

São em jogos como esse, em que as camisas quase jogam sozinhas, que o futebol mostra o que tem de mais grandioso e enternecedor".

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís, Willian Arão, Gerson (Vitinho), Everton Ribeiro (Piris da Motta), Reinier (De Arrascaeta), Gabigol e Bruno Henrique. Técnico: Jorge Jesus

Vasco: Fernando Miguel, Pikachu, Henríquez, Ricardo (Werley), Danilo Barcelos, Richard, Raul (Gabriel Pec), Marcos Junior, Marrony (Ribamar), Rossi e Guarín. Técnico: Vanderlei Luxemburgo

Gols do Flamengo: Everton Ribeiro, Bruno Henrique (2) e Danilo Barcelos (contra)

Grêmio 0 x 1 Flamengo, 17/11/2019

Após a partida em que o Flamengo vencera o Grêmio em Porto Alegre mesmo tendo jogado com a maioria do time reserva, Jorge Jesus respondeu a uma pergunta quanto ao que ele achava da resistência dos treinadores brasileiros ao seu trabalho:

“Vim trabalhar. Não vim tirar lugar de ninguém, não vim ensinar a ninguém. Não é o fato de eu estar aqui que vai demonstrar que os treinadores brasileiros têm mais ou menos valor. Não sou melhor nem pior do que ninguém. Queria lembrar aos meus colegas que em Portugal já trabalhou um brasileiro, o Scolari - ele é acarinhado pelos portugueses. Assim como Autuori, Rene Simões, Abel... e muitos outros.

Quando estiveram lá, tentamos aprender, não havia essa agressividade verbal que há comigo.

Não entendo essas mentes fechadas. Espero que olhem para mim como um colega de profissão, independente de ser português, argentino ou brasileiro.

Quero que meus colegas cresçam.

Não sabem o que é globalização.

Que de uma vez por todas tirem os fantasmas da cabeça, porque o Brasil tem grandes treinadores”.

Uma entrevista dura, porém educada e que foi direto ao ponto da grande estupidez estampada na negação do desempenho excelente que Jesus obtivera e que a toda vez resvalava na mais pura xenofobia.

Ao falar de sua importância nos resultados, o Míster não se acanhou e questionou os jornalistas: quem conhecia o Pablo Marí antes dele chegar ao Flamengo? Como dizer que o Bruno Henrique de hoje era igual ao que atuava pelo Santos?

O fim da coletiva foi apoteótico:

“Se quiserem dizer... Eu não quero falar, senão eu teria de falar da Seleção do Brasil, então... esquece...”.

Dois dias antes um Brasil apático perdera da Argentina em Riad. Agora, Jorge Jesus vencia o Grêmio em Porto Alegre e precisava de apenas mais dois pontos em quatro jogos para conquistar matematicamente o Campeonato Brasileiro. O Flamengo embarcaria para decidir o título da Libertadores no sábado sabendo que poderia ser campeão nacional no dia seguinte, sem sequer entrar em

campo (bastando para isso que o Palmeiras não vencesse o Grêmio, em São Paulo).

Principal responsável pela contratação de Jesus, o dirigente rubro-negro Marcos Braz saiu em defesa do seu treinador:

“É sacanagem o que estão fazendo com Jesus, covardia. Um cara correto, que não precisa de empresários para colocar ele nesse ou naquele time. Treinador vitorioso, que respeita todos os profissionais, tem um estafe super-correto também. Um grande profissional, que está sendo alvo, virou moda questionar o trabalho dele. O processo é natural, globalizado, e não só com técnico de futebol. Tem ator brasileiro que vai trabalhar em Portugal, e de Portugal vem pra cá aqui, jornalistas saem daqui para trabalhar no exterior, e outros de fora vêm trabalhar aqui. Por que essa onda toda em cima do Jesus?! O sucesso parece incomodar”.

Voltando à entrevista coletiva, achei genial quando o português foi perguntado se já havia provado o famoso churrasco gaúcho:

“Não experimentei, nem experimentarei jamais. Eu não como carne. Tenho vários amigos que me chamam para churrascos, eu vou e participo, é sempre ótimo - mas se quiserem convidar-me, terão que arranjar algo para eu comer...”.

Então, assim como eu, ele também não comia carne? Nossas semelhanças aumentavam a cada dia.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rodinei, Thuler (Rodrigo Caio), Rhodolfo, Renê, Piris da Motta, Diego (Vinícius Souza), Lucas Silva (Everton Ribeiro), Reinier, De Arrascaeta e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Grêmio: Paulo Victor, Léo Moura (Felipe Vizeu), Geromel, David Braz, Cortez, Maicon, Michel (André), Alisson, Diego Tardelli (Pepê), Everton e Luciano. Técnico: Renato Gaúcho

Gol do Flamengo: Gabigol

Flamengo 2 x 1 River Plate, 23/11/2019

A semana perfeita.

Terminado o jogo contra o Grêmio, vitória que deixava o time praticamente campeão brasileiro por antecipação, o Flamengo retornou ao Rio de Janeiro para concluir sua preparação para a finalíssima da Libertadores no sábado seguinte.

Por essas coincidências da vida a partida seria disputada em um dia vinte e três de novembro, mesma data em que o clube conquistara sua única Libertadores há trinta e oito anos. Naquela segunda-feira à noite, no confronto-desempate disputado em Montevidéu, Zico marcara duas vezes e definira a competição para os rubro-negros.

Agora Jorge Jesus tinha a missão de usar o pouco tempo entre o jogo em Porto Alegre e a viagem para Lima para fazer os últimos ajustes e embarcar rumo ao seu destino.

Aproveitando que dera um descanso para boa parte dos titulares, o Míster usou a segunda e a terça-feiras para ensaiar algumas surpresas para o River Plate e para se

vacinar contra as armadilhas dos argentinos. A instabilidade do River era apontada como uma fragilidade a ser explorada - o time vinha convivendo com colocações variadas nos últimos campeonatos nacionais ao mesmo tempo que colecionava finais nas recentes Libertadores.

Na manhã de quarta-feira, vinte de novembro, Jesus treinou levemente com sua equipe e se preparou para rumar ao Galeão a fim de embarcar para o Peru. Ninguém estava preparado, no entanto, para o que foi visto: uma multidão estimada em dez mil torcedores se avolumou por todo o trajeto do Ninho do Urubu até o aeroporto, aproveitando o feriado no Rio de Janeiro. Jorge e seus atletas estavam maravilhados, vários deles registravam em suas redes sociais o impacto de ser levado nos braços pela Nação Rubro-Negra.

Tudo parecia conspirar para que o título continental viesse para a Gávea.

Instalado no mesmo bairro de Miraflores, o River Plate parecia não demonstrar tanto entusiasmo pela decisão mas tal constatação parecia improvável: além de ótimos jogadores e de um sistema de jogo bastante eficiente, o

clube argentino tinha em Marcelo Gallardo um técnico estrategista e com um número impressionante de vitórias em seus mais de quatro anos à frente da equipe. Perguntado pelos repórteres se o River teria um estilo de jogo semelhante ao do Flamengo, Jorge Jesus respondeu que a comparação tinha seu valor quando analisada a forma de atacar de ambos - mas que em termos defensivos a situação era bem diferente.

Na antevéspera e na véspera da final os treinos foram fechados - e ao visitarem o gramado para conhecerem o palco da partida os jogadores perceberam um piso mais seco que o que estavam acostumados, mas nada que impedisse a realização de um bom jogo. Jesus, em uma das muitas entrevistas dadas durante a semana, exaltou o Flamengo como o maior clube do mundo, com a ressalva de que se referia ao tamanho de sua torcida e não às conquistas, critério pelo qual o Real Madrid continuava bem à frente dos cariocas.

O sábado amanheceu com o Monumental de Lima prometendo ser dividido igualmente entre brasileiros e argentinos. A polícia local orientava os moradores da capital

peruana a não saírem de casa, pois os torcedores estrangeiros haviam acedido à cidade em um número para o qual as forças de segurança pública não estavam preparadas.

Para diminuir a ansiedade, resolvi entrar no clima da decisão e testar minha popularidade de sósia de Jorge Jesus: faltando uma hora para o início da final, vesti um paletó por cima da camisa rubro-negra e me encaminhei a um dos bares de flamenguistas mais populares da cidade. A reação foi imediata: aos gritos de "olê, olê, olê, olê, Míster, Míster!" fui ovacionado por todo o lugar - as pessoas imediatamente vinham me filmar e tirar selfies comigo, sósias de Gabigol se juntavam à turma e promoviam nova onda de cânticos confiantes.

Nas arquibancadas ídolos do passado rubro-negro comportavam-se como meros torcedores, não disfarçando sua ansiedade pela chegada da decisão.

A Disney, dona dos canais Fox Sports e, consequentemente, da edição da Libertadores, promovia o novo filme da saga "Guerra nas Estrelas" fazendo um regimento de soldados do Império ladear a entrada da copa

no gramado. Quando os times se dirigiram ao campo, Gabigol acariciou a taça, como que antevendo sua conquista.

Enfim o jogo teve início!

O Flamengo partiu logo para o ataque e chegou a dominar as ações nos primeiros dez minutos. Porém, uma sequência incrível de vacilos de três destaques rubro-negros na temporada - Filipe Luís, Gerson e Willian Arão -, permitiu a Borré inaugurar o marcador antes dos quinze minutos iniciais.

A partir daí, só deu River no primeiro tempo.

Implantando uma marcação alta e contando com uma quantidade incrível de erros individuais e coletivos do Flamengo, os argentinos dominavam o confronto e utilizavam uma de suas estratégias mais conhecidas para ditar o ritmo do encontro e enervar o adversário: faziam pequenas faltas em profusão e demoravam a retomar qualquer paralisação da partida. Como as infrações não eram violentas, o juiz condescendia com a encenação.

A ida para o intervalo alterou um pouco o ânimo da equipe - e Jorge Jesus, que substituíra seu colete do primeiro

tempo pelo habitual terno preto sobre a camisa branca, parecia ter arrumado a disposição dos jogadores em campo.

Porém, o resultado final não se modificava.

O Flamengo continuava a ter mais posse de bola, mas o River não recuava e impedia a maioria das jogadas rubro-negra.

Quando Bruno Henrique partiu pela esquerda e cruzou na pequena área para a conclusão de De Arrascaeta, a torcida temeu pelo pior ao ver seu craque mais habilidoso simplesmente furar o chute. Na sequência, Gabigol chutou, a bola bateu em um defensor quase em cima da linha e Everton Ribeiro desperdiçou o rebote, parando na defesa de Armani.

O tempo passava e Gerson pedia substituição, após sentir a musculatura. Em seu lugar entrava Diego Ribas, o camisa dez do time, aquele de quem a torcida tanto reclamava por prender a bola em vez de dar continuidade aos lances de ataque.

Diego, no entanto, entendera bem o papel que Jorge Jesus lhe confiara e jogava de forma exemplar, tanto no

combate às ações do River quanto na organização de contra-ataques.

Gallardo resolveu mexer em seu time e retirou o artilheiro Borré e Nacho Fernandéz, para a entrada de Lucas Pratto e de Álvarez - e foi aí que a virada gloriosa começou a ocorrer. Além de cansado fisicamente, o time argentino perdia ali dois de seus principais articuladores em campo - e a torcida rubro-negra parecia compreender o que ocorria pois aumentava o volume de sua voz e passava a se comportar como as famosas "hinchas" portenhas, que empurram incessantemente suas equipes qualquer que seja o placar.

Quando faltavam cinco minutos para o término do tempo regulamentar, Jorge Jesus resolveu ir para o tudo ou nada, trocando Arão por Vitinho. A fama de pé-frio do Míster (perdedor de duas decisões europeias) voltava a assombrar e as torcidas rivais do Flamengo se deliciavam com a iminente derrota rubro-negra.

Aquela, no entanto, era para ser uma história feliz.

Aos quarenta e três do segundo tempo, Pratto dividiu e perdeu uma bola para De Arrascaeta - e o uruguaio

conduziu-a e a entregou a Bruno Henrique. O atacante foi então magistral, iludindo os adversários até encontrar uma brecha para lançar o próprio De Arrascaeta dentro da área. Acossado por seu marcador, o craque apenas rolou a bola para o lado sabendo que dentro da pequena área estaria o pé iluminado de Gabigol. Flamengo um, River um.

A loucura tomou conta da Nação.

Enquanto os argentinos pareciam não crer no que viam, o título tão próximo sendo substituído por uma prorrogação, o Míster buscava manter a concentração de seus comandados. Ainda estavam vivas em sua memória as lembranças do gol que lhe tirara uma conquista fantástica pelo Sporting já nos descontos, o mesmo que ocorrera contra o Manchester United em tempos de Benfica.

Então os deuses do futebol decidiram que uma prorrogação seria desnecessária.

Diego lançou uma bola para Gabigol, o artilheiro que fora dominado durante os noventa minutos por um inspirado Pinola. O zagueiro argentino e seu companheiro bateram cabeças e na briga pelo espaço com o atacante flamenguista Pinola acabou por dar-lhe um passe na medida

para o seu disparo fatal, de perna esquerda: Flamengo dois a um, apenas três minutos após o gol de empate!

Adriano Imperador, herói do último título brasileiro dez anos antes, caía em prantos; outro que caía, literalmente, era Júlio César, o fantástico goleiro que desmaiava nas arquibancadas do Monumental ao ver o gol da vitória.

Como os jornalistas previram, o River só apelaria para a violência se percebesse que o jogo estava perdido - e o chute nas costas de Bruno Henrique desferido por Palácios era a prova de que a América era novamente rubro-negra. O argentino foi expulso, o mesmo ocorrendo com Gabigol ao fazer gestos obscenos para o banco de reservas e para a torcida platense (dizem que eu lá em casa, simultaneamente e sem saber do ocorrido, fizera o mesmo gesto para a TV...).

O juiz apitou o fim do jogo e felicidade rubro-negra explodiu!

Trinta e oito anos depois, a Libertadores da América era nossa!

Um Jesus feliz celebrava no campo, dava ótimas entrevistas, subia no trio elétrico no retorno ao Rio e desfilava extasiado pelo corredor humano que se formara na Avenida Presidente Vargas.

No meio da festa, já em pleno domingo, veio a cereja do bolo: o Grêmio vencera o Palmeiras por dois a um em pleno Allianz Parque e assim o Flamengo, menos de vinte e quatro horas após a conquista da América, tornara-se também campeão brasileiro. Um heptacampeão de verdade!

A farra não tinha hora para acabar, dirigentes, jogadores e comissão técnica abraçavam a torcida como um todo e a indústria da mídia parecia frenética na construção de matérias que misturavam fatos reais com especulações ("Gabigol e Jorge Jesus continuarão no Flamengo em 2020?"; "é verdade que Neymar virá por empréstimo na próxima temporada?"; "Gabigol deixou mesmo o Governador do Rio de mãos abanando durante a comemoração?"; "o Míster será condecorado cidadão carioca?").

Nunca mais seríamos os mesmos.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís, Willian Arão (Vitinho), Gerson (Diego), Everton Ribeiro, De Arrascaeta (Piris da Motta), Bruno Henrique e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

River Plate: Armani, Montiel, Martinez, Pinola, Casco (Díaz), Pérez, Fernandez (Álvarez), Palacios, De La Cruz, Suárez e Borré (Lucas Pratto). Técnico: Marcelo Gallardo

Gols do Flamengo: Gabigol (2)

Flamengo 4 x 1 Ceará, 26/11/2019

A torcida comprou todos os ingressos para ver o time campeão brasileiro de 2019 enfrentar o Ceará e receber a taça do torneio. Além do desgate físico e emocional da viagem a Lima e da partida contra o River Plate, os jogadores do Flamengo ainda se recuperavam da espetacular celebração da vitória sul-americana e da antecipada conquista nacional. Por isso tudo havia dúvidas se Jorge Jesus escalaria força máxima no duelo contra os cearenses.

Dois dias antes do jogo um emocionado Míster comparecera à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro para receber a comenda de Cidadão Carioca - e deixara vários rubro-negros de coração na mão ao afirmar que estava apaixonado pelo Flamengo, mas que sua vida era toda feita de paixões e que essas também podiam passar. Havia uma clara expectativa de que o sucesso de Jesus pudesse resultar em convites de um grande time europeu ou até mesmo da Seleção Brasileira.

Indiferente a tudo Jorge manteve sua serenidade e escalou a equipe com o que tinha de melhor, deixando de

fora apenas jogadores suspensos ou com limitações físicas. Era uma forma de respeitar os torcedores e de continuar batendo recordes, algo que o português sempre afirmara desejar.

O Flamengo mostrou um ritmo elevado para um grupo ainda sob os efeitos do cansaço recente. Dominando as ações, parecia que a abertura do placar seria questão de tempo.

No entanto, foi o Ceará que virou a primeira etapa no comando do marcador. Em um de suas poucas jogadas ofensivas, Felipe se livrou facilmente de Rodinei e cruzou para a conclusão de Thiago Galhardo. Os mais conformados chegaram a pensar que uma derrota em nada mancharia a campanha rubro-negra e quando a bola começou a beijar a trave do goleiro Diogo Silva repetidas vezes talvez imaginaram que aquela noite não era dos flamenguistas.

O Míster pensava diferente.

Inquieto à beira do campo, Jesus sacou Reinier ainda no primeiro tempo, buscando dar volume de jogo com a entrada de Vitinho.

E no segundo tempo a festa foi toda rubro-negra, comandada por aquele que fora eleito o melhor jogador da Libertadores.

Bruno Henrique escorou uma cabeçada de Lincoln e empatou a partida. Depois, mostrou oportunismo ao completar o cruzamento de De Arrascaeta pela direita, pondo o Flamengo na frente.

Havia mais: Bruno Henrique partiu como uma flecha em direção à área cearense e foi parado com falta por Samuel Xavier. O lateral-direito foi expulso, De Arrascaeta cobrou a falta no canto direito de Diogo Silva e no rebote do goleiro, Bruno Henrique marcou pela terceira vez.

Os três gols do atacante o deixavam a apenas um de diferença para o artilheiro da competição, o amigo Gabigol.

Vitinho ainda arrancou driblando e deu números finais ao placar, Flamengo quatro a um e mais um treinador adversário demitido após ser goleado pelo campeão da Libertadores.

A taça foi entregue aos três capitães rubro-negros e o recorde isolado de pontos no Brasileiro fora alcançado pelo Flamengo: oitenta e quatro em trinta e cinco jogos.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rodinei, Rodrigo Caio, Rhodolfo, Renê, Willian Arão, Diego (Lincoln), Everton Ribeiro, Reinier (Vitinho), Bruno Henrique e De Arrascaeta (Gerson). Técnico: Jorge Jesus

Ceará: Diogo Silva, Samuel Xavier, Eduardo Brock, Valdo, João Lucas (Leandro Carvalho), Fabinho, Ricardinho (Mateus Gonçalves), Felipe, Chico, Pedro Ken e Thiago Galhardo (Tiago Alves). Técnico: Adílson Batista

Gols do Flamengo: Bruno Henrique (3), Vitinho

Palmeiras 1 x 3 Flamengo, 30/11/2019

Apesar de ser o campeão brasileiro de 2018 e de ter uma capacidade de investimento equiparável à do Flamengo, o Palmeiras estava dezesseis pontos atrás dos rubro-negros na tabela. A torcida palestrina não suportava um ano sem vitórias nos torneios disputados e perdia de vez a cabeça em relação ao treinador Mano Menezes e ao diretor de futebol Alexandre Mattos.

Buscando mudar o enfoque dos problemas reais, Mano arriscou uma cartada final para se manter no cargo: poupou jogadores no jogo contra o Fluminense (derrota de um a zero), justificando que o confronto com o novo campeão possuía uma grande importância, tanta que o próprio Flamengo teria poupado jogadores contra o Ceará de olho no jogo do domingo.

Era uma clara artimanha do gaúcho, pois o time da Gávea apenas deixara de fora do jogo os atletas lesionados ou suspensos - e, ao contrário do Palmeiras, havia superado seu oponente por goleada.

Como parte de algo orquestrado, faltando poucos dias para a partida o Ministério Público de São Paulo sugeriu que

o jogo se desenrolasse apenas com a torcida alviverde, argumentando que a segurança dos torcedores estaria em perigo. O Flamengo se posicionou com firmeza contra tal arbitrariedade, lembrando que os palmeirenses haviam estado no Maracanã no primeiro turno e que tal expediente feria o princípio da reciprocidade. Acrescentou, ainda, que caso a torcida rubro-negra não pudesse entrar no Allianz Parque, os donos da casa também deveriam ser impedidos de marcar presença no estádio e o jogo deveria ser disputado de portões fechados.

A CBF lavou as mãos e somente palmeirenses puderam ir à arena.

Quando o Flamengo entrou em campo seus jogadores se dirigiram ao setor das arquibancadas que deveria abrigar os rubro-negros e saudou as cadeiras vazias, em protesto contra a situação. Ao ser entrevistado antes do início da partida, Jesus afirmou que trazia seu time completo - à excessão de Everton Ribeiro (com dores no joelho) e de Pablo Marí, que tivera de resolver problemas burocráticos na Espanha - para continuar a quebrar recordes.

Logo aos quatro minutos Bruno Henrique, Gabigol e De Arrascaeta fizeram uma jogada infernal e puseram o time em vantagem, com extrema facilidade.

Marcando por pressão, o rubro-negro continuou não dando espaços ao Palmeiras e o segundo gol surgiu ainda no primeiro tempo, fruto de uma magistral tabela de Rafinha, De Arrascaeta e Gabigol, cruzando a área palmeirense sem deixar a bola tocar o chão e dando apenas um toque cada um.

Mano Menezes começava a cair, o quarto treinador que perdia seu emprego após uma derrota avassaladora para o Flamengo. Nas arquibancadas, vândalos alviverdes arremessavam cadeiras em cima dos flamenguistas que celebravam o golaço de Gabigol.

Nos primeiros movimentos do segundo tempo, Gerson marcou a saída de bola palmeirense e Gabigol concluiu para fazer o terceiro do time.

Aí a equipe começou a tirar um pouco o pé do acelerador.

Os paulistas acertaram a trave por duas vezes, tiveram um gol corretamente anulado e diminuíram o placar na fase

final do jogo.

Maior que a diferença nos números, saltava aos olhos a superioridade técnica do Flamengo.

Nos vestiários, o presidente palmeirense confirmava a notícia da demissão do comando do futebol palestrino e prometia mudanças para 2020.

Gabigol tirava fotos e dava autógrafos para torcedores-mirins, inclusive para o filho do volante adversário, Felipe Melo, ele mesmo uma cria da Gávea.

E Jorge Jesus causava ainda mais ao interromper um repórter que iniciara uma pergunta a ele dirigida dizendo que o Flamengo alcançara uma "boa" pontuação no Brasileiro:

“Boa?” - exclamou o Míster. “Boa ou já alguém fez melhor? Tô perguntando se já fizeram mais que oitenta e quatro pontos” (na verdade, seriam oitenta e sete). “Então, não é boa - é recorde!”.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha (Rodinei), Rodrigo Caio, Rhodolfo, Filipe Luís, Willian Arão, Gerson, Vitinho

(Piris da Motta), De Arrascaeta, Bruno Henrique (Diego) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Palmeiras: Jailson, Marcos Rocha, Luan, Vitor Hugo, Diogo Barbosa, Felipe Melo (Matheus Fernando), Bruno Henrique, Ramires (Gustavo Scarpa), Lucas Lima (Willian), Dudu e Luiz Adriano. Técnico: Mano Menezes

***Gols do Flamengo*:** Gabigol (2), De Arrascaeta

Flamengo 6 x 1 Avaí, 03/12/2019

Choveu horrores na noite de quinta-feira, mas mesmo assim os torcedores foram ao Maracanã ver o Flamengo enfrentar o último colocado na tabela de classificação, o rebaixado Avaí.

Jorge Jesus resolvera entrar com um time misto, já de olho na recuperação para as partidas em Doha, dali a menos de quinze dias. Dos titulares começaram o jogo apenas Rafinha, Everton Ribeiro, De Arrascaeta e Gabigol. Ainda assim, o time dominava as ações iniciais e abriu o placar com De Arrascaeta.

Uma infelicidade de Cesar, que viu a bola bater na trave e em seu corpo antes de entrar nas redes deu a igualdade ao time catarinense. Mas logo as coisas voltaram ao normal e Diego e Gabigol fizeram os rubro-negros irem para o intervalo com uma confortável vantagem de três a um.

No segundo tempo o passeio foi completo. Lincoln abriu caminho para a goleada, completada justamente por Reinier, que entrou em seu lugar: aos trinta e oito e aos

quarenta e três minutos do segundo tempo, a promessa da Gávea anotou mais dois gols em sua breve e exuberante carreira.

A penúltima rodada do Brasileiro terminava com uma vantagem de dezenove pontos entre o campeão e o segundo colocado, justamente o Santos de Jorge Sampaoli que seria o adversário rubro-negro do domingo seguinte.

E depois, … a viagem ao Catar.

Escalações:

Flamengo: César, Rafinha, Thuler, Rhodolfo, Renê, Piris da Motta, Diego, Everton Ribeiro (Willian Arão), De Arrascaeta (Gerson), Lincoln (Reinier) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Avaí: Vladimir, Lourenço, Eduardo Kunde, Marquinhos Silva, Igor Fernandes, Luanderson (Gabriel Lima), Ramon Pereira, Wesley (Marcinho), Richard Franco, Caio Paulista (Vinícius Araújo) e Jonathan. Técnico: Evando Camillato

Gols do Flamengo: De Arrascaeta, Diego, Gabigol, Lincoln e Reinier (2)

Santos 4 x 0 Flamengo, 08/12/2019

Quando o juiz apitou o fim da última partida do Flamengo no Campeonato Brasileiro de 2019, a torcida rubro-negra não sabia direito o que pensar: o time terminara o torneiro dezesseis pontos à frente do próprio Santos, vice-campeão, tivera um ataque avassalador e estava há vinte e cinco jogos invicto na competição - número que subia para vinte e nove partidas, se considerados também os confrontos da Libertadores.

Antes do encontro vários flamenguistas diziam não se importar com uma eventual derrota em um tira-teima que nada valia para fins práticos e alguns chegavam a defender que o Míster escalasse um time reserva para evitar qualquer tipo de contusão na semana de embarque para o Mundial de Clubes.

Jorge Jesus, no entanto, manteve sua linha de conduta vencedora e fez apenas uma modificação em relação aos titulares já bem conhecidos de todos: Rafinha precisava de uma pausa e em seu lugar entrara o contestado Rodinei.

O outro Jorge, o argentino Sampaoli, preparou-se para uma partida especial: tendo praticamente certa a sua saída

do Santos após o fim do Brasileiro, o treinador queria uma vitória categórica para mostrar tanto a sua competência quanto o seu valor a possíveis interessados em sua contratação. Além disso, ainda poderia espezinhar seus detratores da diretoria santista, em especial o presidente Peres.

O jogo foi um passeio dos paulistas. Carlos Sánchez, vingando a honra familiar já que seu irmão De La Cruz perdera a final da Libertadores para o Flamengo, fez a defesa rubro-negra de gato e sapato, assim como o baixinho Soteldo. Os quatro a zero finais acabaram saindo barato para os cariocas.

Um anti-clímax após uma temporada fabulosa? Um resultado normal para um time que nada mais tinha a ganhar no campeonato? Ou um baita motivo de preocupação frente ao fato de que o Liverpool era um adversário muito mais qualificado que o Santos e a goleada sofrida seria uma espécie de choque de realidade para os rubro-negros?

Difícil saber no início da noite daquele oito de dezembro, data tristemente lembrada pelas mortes de John

Lennon e de Tom Jobim, ambas ocorridas em Nova Iorque.

Será que o sonho flamenguista de conquistar novamente o mundo também havia morrido naquele dia?

Ou será que o Míster - bastante gripado e pouco intenso no banco de reservas - estaria repetindo a estratégia de Chuck Daly, o famoso treinador do "Dream Team" de basquete norte-americano, que foi propositalmente derrotado por 62 a 54 por um bando de garotos universitários pouco antes de encantar o mundo nas Olimpíadas de 1992?

Só saberíamos a verdade em cerca de duas semanas.

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rodinei (João Lucas), Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís, Gerson, Willian Arão, Everton Ribeiro, De Arrascaeta (Diego), Bruno Henrique (Vitinho) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Santos: Everson, Victor Ferraz, Lucas Veríssimo, Gustavo Henrique, Jorge, Alison (Jobson), Carlos Sánchez (Sandry), Diego Pituca, Marinho, Soteldo e Eduardo Sasha (Jean Mota). Técnico: Jorge Sampaoli

Flamengo 3 x 1 Al-Hilal, 17/12/2019

O time nem retornou ao Rio depois da derrota para o Santos - o dia seguinte foi de homenagens e premiações pelo Campeonato Brasileiro.

A Bola de Prata é um dos mais antigos e reconhecidos prêmios do futebol nacional, criado na década de 1970 pela revista Placar para condecorar os destaques de cada posição. Após o fim da publicação impressa a ESPN assumiu a Bola e na seleção de 2019 nada menos que sete rubro-negros faziam parte do time escolhido (Diego Alves, Rafinha, Willian Arão, Gerson, De Arrascaeta, Bruno Henrique e Gabigol). Como treinador, é lógico, o Míster Jorge Jesus.

Dos estúdios da ESPN para o aeroporto, o Flamengo se deslocou para a premiação da CBF no Rio de Janeiro. Exaustos mas felizes, os flamenguistas viram seu predomínio no cenário nacional ser ainda mais amplo: dos onze jogadores escolhidos, apenas dois rubro-negros do Athletico Paranaense - Santos e Bruno Guimarães - não eram do Flamengo (que cedeu Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís, Gerson, Everton Ribeiro, De Arrascaeta,

Bruno Henrique e Gabigol). Quanto ao técnico, novamente Jorge Jesus – ele recebeu o prêmio das mãos de Zagallo, no ponto alto da cerimônia.

Em resumo, todos os onze jogadores e o Míster receberam pelo menos uma das duas maiores premiações da temporada nacional como destaques em suas posições.

A terça-feira foi de descanso e na quarta o time retomou a rotina de treinamentos em ritmo forte, sabendo que um dos principais desafios para enfrentar o Liverpool (a se confirmar) era justamente o desgaste sofrido por uma equipe em fim de época, como dizem os lusitanos.

Na sexta-feira o Flamengo seguiu para Doha, um voo de quinze horas de duração para a sonhada reedição da conquista de trinta e oito anos atrás. Chegando ao Catar no fim da manhã de sábado, jogadores e Jorge Jesus trocaram o treino previsto por uma visita ao estádio onde se enfrentavam Al-Hilal e Esperánce, duelando pelo direito de jogar a semifinal contra os rubro-negros. Os árabes venceram por um a zero e o artilheiro Gomis, comandado até pouco tempo pelo Míster, comemorou seu gol trocando sinais bem-humorados com o português.

Enquanto isso, o Liverpool vencia o Watford pela Premier League sem sobressaltos e embarcava no dia seguinte para Doha, levando seu time completo para o Mundial da FIFA.

Dois terços dos quinze mil flamenguistas esperados no Catar já se encontravam no local dos jogos e o Míster mantinha sua postura de elogiar permanentemente o Al-Hilal (dizia conhecer bem a equipe que havia montado há cerca de um ano) e de não passar o carro na frente dos bois - segundo ele, iria se preocupar com o adversário de uma hipotética final somente após vencer o jogo das semifinais.

A terça-feira chegou, os times foram a campo... mas o Flamengo esteve irreconhecível na primeira meia hora da partida. Os árabes marcavam e corriam muito, pressionavam o rubro-negro em seu campo de defesa e Gomis perdeu um gol cara a cara depois de Diego Alves operar um pequeno milagre. Não demorou para que Al Dawsari concluísse uma jogada pela direita para as redes. Uma história similar à da final da Libertadores.

No entanto, o Al-Hilal possuía limitações físicas e técnicas maiores que os argentinos do River, e o Flamengo

começou a equilibrar o jogo ainda no primeiro tempo. Quando os jogadores desceram para o vestiário, Jorge Jesus tinha claramente em sua cabeça o que precisava ser ajustado, fosse em termos do nervosismo natural de uma estreia no torneio, fosse em relação ao posicionamento dos atletas.

A bela tabelinha do trio Gabigol, Bruno Henrique e De Arrascaeta culminou com o gol do uruguaio, e a virada não demorou a vir, após um cruzamento perfeito de Rafinha para o craque do Brasileiro cabecear com estilo. As coisas voltavam ao seu curso, mesmo com os torcedores se preocupando com o ritmo do time parecer insuficiente para uma eventual disputa com o Liverpool. Porém, cada jogo tem a sua história e o momento era de se concentrar no Al-Hilal, que começou a perder a cabeça ao se ver atrás no marcador e teve o peruano Carrillo expulso após uma falta desleal em De Arrascaeta.

Diego havia substituído Gerson e dado mais intensidade à equipe, e quando um inspirado Bruno Henrique foi à linha de fundo e cruzou para Gabigol fazer o terceiro, o zagueiro Ali Bulayhi se interpôs na jogada e

acabou tocando para o seu próprio gol. Flamengo três a um e passaporte para a final carimbado.

Agora, bastava esperar o Liverpool - ou, no caso de uma zebra, o Monterrey mexicano.

Aliviados pela vitória, os flamenguistas comentavam com orgulho a excelente entrevista do Míster após o jogo, na qual se destacavam frases como:

"Somos uma equipe não somente com o mental forte, mas fisicamente forte. Taticamente não nos obrigamos a desgastar e obrigamos o outro a correr atrás da bola. E eu conheço essa equipe (Al-Hilal), vai desconcentrar, vai ter problemas na segunda parte".

"Já estamos em um patamar superior, como o Bruno Henrique diz. Claro que é o jogo mais importante da minha carreira, assim como do outro treinador que for a final. É a cereja em cima do bolo na temporada que o Flamengo fez. É a final mais importante da minha carreira".

"O Al-Hilal foi muito melhor nos primeiros 30 minutos. Depois, conseguimos subir o nível de três jogadores na qualidade individual. E o jogo foi transformado com uma superioridade muito maior do Flamengo na segunda parte".

" Não vou escolher adversário. Quando você chega à Copa do Mundo, todas as equipes são fortes. Portanto, vamos nos preparar para o que acontecer. Nunca debruçamos análise tática sobre o Liverpool, porque tínhamos o Al-Hilal. Assim faremos. Claro que o Liverpool é favorito, sem dúvida nenhuma, mas vamos com respeito. Quando chegamos já pensávamos em ser campeões do mundo, agora mais ainda".

"Diego tem sido um jogador fundamental para a equipe. Ele tem criado condição física, técnica e tática. Hoje, diferentemente de Lima, era preciso um jogador como ele. O Gerson não estava fazendo o que normalmente faz. Sabia que o Al-Hilal teria quebras táticas e físicas. Não precisava de um jogador que defendesse muito, precisava de um jogador que tivesse bola. O Diego chega mais. O primeiro gol saiu em uma jogada fantástica. Depois, com a expulsão do André Carillo, as coisas ficaram mais fáceis".

"Quando você tem uma equipe que passa por duas situações em que precisa mudar o resultado e acredita até o fim, é importante. O Al-Hilal esperou pelos momentos. O

Flamengo é uma equipe que vai ter que mandar o jogo na maior parte".

"São jogadores que se completam muito. Quando você vê um jogo do Flamengo, sabe quem a qualquer momento vai fazer gol. Se é a melhor equipe ofensivamente que treinei? Não sei. É uma das melhores. Já tive grandes jogadores individualmente no meu primeiro ano de Benfica. A diferença que eu acho é a forma como os jogadores aceitaram as minhas ideias, aí é o grupo mais forte que treinei, não tenho dúvida nenhuma".

"O Flamengo não tem um sistema de jogo fixo. Tem uma ideia ofensiva que todos os jogadores sabem o posicionamento, só que temos a dinâmica dos quatro jogadores da frente. Não podemos fechar essa dinâmica, temos que criar fatos e formas de entrar e depois modificar. Nosso lado esquerdo passou a ser vulnerável quando o Hilal criou superioridade numérica e criou espaços. Tivemos que alterar posicionamento para que a equipe fosse mais equilibrada. Quem não é equilibrado defensivamente, não sabe atacar".

"É sempre o jogador que alimenta uma equipe, mas o treinador é peça fundamental para chegarmos a situação de finalização para fazer gol. Nos primeiros trinta minutos o Flamengo não criou. Mérito do adversário. É isso que quero que entendam: o Flamengo não joga sozinho. Saber aproveitar as situações e quebra dos adversários é fundamental. É preciso perceber o que está acontecendo para passar a mensagem do que você acha que é melhor. Na segunda parte, a equipe foi muito mais solta e dinâmica. Tem treinadores que ficam sentados e não sentem o jogo, não mexem. A equipe foi brilhante no segundo tempo".

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís, Willian Arão, Gerson, Everton Ribeiro, De Arrascaeta (Piris da Motta), Bruno Henrique (Vitinho) e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Al-Hilal: Abdullah Almuaiouf, Mohammed Alburayk, Ali Albulayhi, Jang Hyunsoo, Yasser Alshahrani, Cuéllar, Carlos Eduardo, Giovinco (Khrbin), Salem Al-Dawsari, Carrillo e Gomis (Otayf). Técnico: Razvan Lucescu

Gols do Flamengo: De Arrascaeta, Bruno Henrique e Ali Albulayhi (contra)

Flamengo 0 x 0 Liverpool (*), 21/12/2019

Trinta e oito anos depois, o reencontro.

Claro que todos queríamos falar do bi-Mundial, mas o mais importante de toda a breve jornada do Míster em 2019 foi a constatação do Flamengo estar ocupando pela primeira vez o seu lugar de grande time do futebol mundial, capaz de conquistar corações e mentes de torcedores em todo o globo. Como hoje fazem equipes como Liverpool, Barcelona e Real Madrid.

Neste texto, como uma homenagem rubro-negra a Jorge Jesus, descaradamente estou considerando o resultado do jogo dado pelo placar dos noventa minutos, um zero a zero em que Flamengo e Liverpool poderiam ter feito três ou quatro gols cada um.

A melhor partida flamenguista na temporada, e não poderia ser diferente, justamente na final contra o atual melhor time do mundo. Um jogo de igual para igual, intenso, corrido, diversificado, moderno, ... - enfim, digno das tradições do Mais Querido.

Jesus, em suas palavras finais, deu o tom perfeito da temporada: um grupo talentoso e dedicado, uma vontade contínua de ganhar, uma criativa variedade de esquemas. Nada a dever aos ingleses. O resultado? Uma consequência do jogo maravilhoso que é o futebol. Um técnico que não abaixa a cabeça, não tem complexo de vira-latas e que sabe perder assim como sabe ganhar.

Tostão, o melhor cronista da imprensa esportiva brasileira, resumiu assim o que foi a final:

"O Flamengo mostrou que é um grande time do mundo.

O Flamengo jogou muito bem, chegou a ser superior em parte do primeiro tempo, mas o Liverpool, no geral, foi melhor, por ter criado muito mais chances claras de gol. Mereceu a vitória. Os dois times, como era esperado, utilizaram muitas bolas longas, nas costas dos defensores, pois as duas equipes atuam com a marcação mais adiantada. A entrada de Vitinho, no segundo tempo, tirou o lugar de Bruno Henrique, que criava grande perigo pela esquerda. Na prorrogação, Firmino, com sua classe, fez o gol da vitória, em uma jogada rápida de contra-ataque. A

grande diferença entre os grandes times europeus e os sul-americanos não diminuiu. O Flamengo é exceção. Se fosse qualquer outro time brasileiro, seria goleado pelo Liverpool. O Flamengo ensinou aos times brasileiros que é possível unir a disciplina tática e a improvisação, o individual e o coletivo, o jogo calculado e o passional. O Flamengo rompeu com paradigmas que predominam no futebol brasileiro há muito tempo, uma excessiva cautela, a marcação mais recuada, para fechar os espaços, os dois volantes em linha, o centroavante fixo, os zagueiros colados à grande área e o posicionamento estático dos jogadores. Parabéns ao Flamengo, ao explosivo e revolucionário técnico Jorge Jesus, aos brilhantes e vibrantes jogadores e à sua fascinante torcida, além das diretorias atual e anterior, pelas conquistas do Brasileiro e da Libertadores e pelo vice-campeonato mundial. O Flamengo mostrou que é um grande time do mundo".

Escalações:

Flamengo: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís, Willian Arão (Berrío), Gerson (Lincoln),

Everton Ribeiro (Diego), De Arrascaeta (Vitinho), Bruno Henrique e Gabigol. Técnico: Jorge Jesus

Liverpool: Alisson, Alexander-Arnold, Joe Gomez, Van Dijk, Robertson, Henderson, Keita (Milner), Oxlade-Chamberlain (Lallana), Mané, Salah (Shaqiri) e Firmino (Origi). Técnico: Jürgen Klopp

Resumo dos números do Flamengo de Jorge Jesus em 2019

- Jogos: 40
- Vitórias: 28
- Empates: 9 (*)
- Derrotas: 3 (*)
- Pontos conquistados: 93
- Percentual de pontos conquistados: 77,50%
- Gols marcados: 88
- Artilheiros:
    - Gabigol: 29
    - Bruno Henrique: 22
    - De Arrascaeta: 13
    - Reinier: 6
    - Vitinho: 3
    - Pablo Marí: 3
    - Everton Ribeiro: 2
    - Willian Arão: 2
    - Lincoln: 2
    - Rodrigo Caio: 2
    - Gerson: 2

- Diego: 1
- Danilo Barcelos (Vasco - gol contra): 1
- Al Bulayhi (Al-Hilal – gol contra): 1

(*) considerando o resultado dos noventa minutos entre Flamengo e Liverpool.

O autor



(Bruno Palvarini com o craque Arthur Muhlemberg, autor dos livros "Libertador" e "Heptacular")

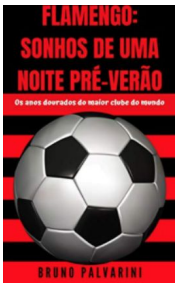
Bruno Palvarini hoje é sósia do Míster Jorge Jesus, mas quando começou a bater bola no Rio de Janeiro era uma mistura de Zico e Doval. Tinha treze anos em dezembro de 1981 e nunca mais havia visto um Flamengo tão técnico, intenso e vencedor como o atual. Toca e canta na banda cover "The Beat Coins", tem livros publicados na Amazon, é casado com a Cláudia e pai orgulhoso do Felipe e da Luísa.

Site: www.brunopalvarini.com

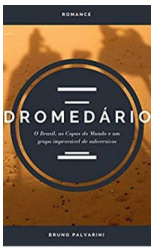
Instagram: @brunocpalvarini

@misterjorge_br

Outras obras do autor disponíveis na Amazon



FLAMENGO: SONHOS DE UMA NOITE PRÉ-VERÃO - O período de maior brilho da história centenária do clube mais popular do País - e, por que não dizer, do mundo? -, contado em crônicas que vão além de uma simples paixão clubística. Refletem um caso de amor ao futebol, a mais perfeita metáfora que existe para a vida.

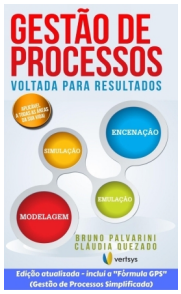


DROMEDÁRIO: O Brasil, as Copas do Mundo e um grupo improvável de subversivos - Durante uma conversa em uma praia do Caribe, histórias secretas dos bastidores das Copas do Mundo vão sendo reveladas. Será tudo verdade? Quais os interesses por trás de cada título

conquistado ou perdido pela Seleção? O que os dezessete leitores do Verissimo têm a ver com isso?



O MUNDO É UMA ESCOLA (Com Cláudia Quezado, Felipe e Luísa) – Crônicas de viagens e 13 lições que aprendemos com nossos filhos enquanto dávamos a volta ao mundo em família. Do Egito ao Panamá, passando por China, Estados Unidos, Japão, Inglaterra, França, Itália e vários outros países que tinham algo a nos ensinar.



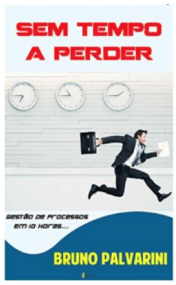
GESTÃO DE PROCESSOS VOLTADA PARA RESULTADOS (com Cláudia Quezado) - Um guia simples e direto contendo os fundamentos de uma gestão de processos voltada para resultados. Os autores partem de suas experiências de cerca de quinze anos trabalhando com

gestão de processos para demonstrar os pontos principais que devem ser considerados em projetos e iniciativas relacionadas ao tema. Orientação real aos valores gerados, inovação e criatividade, envolvimento dos participantes, ciclos de gestão reduzidos, menor custo, maior fidelidade na representação e na tomada de decisão e orientação a uma perspectiva humanista são alguns dos tópicos abordados na obra. São comparados os mais relevantes aspectos entre métodos tradicionais e a abordagem voltada para resultados, com apresentação de exemplos relativos a áreas distintas do conhecimento.



BPM EM CRÔNICAS - Histórias do cotidiano vividas pelo autor e que se aplicam a situações encontradas em processos de trabalho. Contadas em linguagem leve, permitem uma profunda e divertida reflexão de aspectos que interessam à tomada de decisão quando o assunto se refere a processos complexos e dinâmicos, próprios da natureza humana. Pensando de forma criativa, você poderá

ganhar asas e construir belíssimas soluções de BPM em alinhamento com os seus mais profundos desejos e os de seus colaboradores.



SEM TEMPO A PERDER - Alex tem apenas dez horas para preparar uma proposta de gestão de processos para seu chefe, elaborar um trabalho acadêmico e salvar seu casamento. Atônito, conta com a ajuda do experiente Paiva para vencer seus desafios. Conseguirá cumprir o prazo?